

34, Dezembro, 1937, no 34

MOBILIZEMO-NOS ✓

A attitude do professor Fernando de Magalhães, Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, demittindo-se de presidente da 5.^a Conferencia Nacional de Educação, em seguida á votação favoravel á permanencia do laicismo pedagogico, veio, felizmente, marcar a separação cada vez mais insophismavel dos campos em que se dividem hoje os que se interessam pelos problemas da educação no Brasil.

De um lado, temos os retrogrados, os apegados ao feiticismo das formulas archaicas, os maniacos da laicidade integral do ensino, que defendem a todo o transe o espirito que presidiu aos quarenta annos de pedagogia republicana, com o seu pragmatismo, o seu technicismo arido, a sua obsessão mimetista, o seu desdem pela realidade, o seu desrespeito pela sociedade em que viveu, pela infancia que pretendeu educar, pela nacionalidade de que deveriam ser os mandatarios, mas de que são realmente meros torcionarios.

Esses, bafejados pelo sopro official, tendo á sua disposição os cofres publicos, pondo e dispondo, entre quatro paredes, na reclusão propicia dos conluios mysteriosos, — constituem um corpo diminuto, mas coheso, disciplinado, obedecendo cegamente á doutrina de um só autor, o inevitavel Dêwey (*homines unius libri...*), e impondo dogmaticamente as suas deliberações e a sua orientação a todo o ensino publico e, já agora, ao que pretendeu, á propria Constituição em projecto.

Do outro lado, os insatisfeitos com a experiencia das quatro decadas passadas, os realistas, os prudentes, os defensores do Brasil brasileiro, os catholicos que aspiram a uma educação integral, os nacionalistas de todos os matizes e mesmo os liberaes, que comprehenderam o que ha de abusivo e tyrânico na laicidade obrigatoria do ensino publico que opprime a consciencia religiosa de catholicos ou protestantes, judeus ou meros espiritualistas, para satisfazer apenas ao sectarismo de alguns anti-clericaes e atheus ou á massa amorpha dos indifferentes.

Deste lado está a maioria, sem duvida, pois o bom senso da vida se obscureceu de todo na consciencia daquelles

que se interessam por esses problemas e sobretudo daquelles que estão assistindo hoje á dolorosa experiencia de quarenta annos de educação publica sem moral e sem Deus. Mas está tambem a dispersão a timidez, o respeito humano, a falta de uma base commum, — a deficiencia de preparo technico e mormente a ausencia do bafejo governamental, sem o que, no Brasil da nova como da velha Republica, nada se pode fazer que seja tomado a serio pelos administradores da coisa publica.

Que fazer, deante dessa situação paradoxal? Cruzar os braços? Lamentar-se? Esperar melhores dias?

Qualquer dessas attitudes seria uma traição ao Brasil e ás novas gerações. Seria pactuar com o erro, e, por isso mesmo, generalizar o erro. Se algum sentido tem o espirito com que queremos reagir contra o negativismo anti-nacional e anti-christão desses pedagogos yankizados, que hoje dispõem, pelo menos, de dois pontos estrategicos poderosos—os directorios municipaes da instrucção publica no Rio e em S. Paulo — nosso dever está de antemão traçado: colligar essas forças dispersas sob uma bandeira commum.

E como o que pretendem os nossos adversarios: *pragmatizar* a escola, — de nosso lado só ha um caminho a seguir: *espiritualizar* a escola. Essa a nossa bandeira, esse o nosso grito de "ralliement".

Emquanto esses retrogrados do laicismo de 1891 se apegam ás velhas formulas rançosas que nos jogaram na encruzilhada tragica em que nos encontramos—o que temos a fazer é pugnar por um novo espirito, o verdadeiro espirito da energia constructora, que vem reatar o grande tradição nacional interrompida pelos imitadores da França em 1891 e pelos neo-imitadores dos Estados Unidos, em 1932, e abrir novas perspectivas magnificas para a nova phase social e politica do Brasil.

E esse novo sentido da educação nem pode ser o do "instruccionismo" puro, que vigorou até ha pouco, pela indifferença do Estado e pela separação entre a escola e a familia — nem muito menos o pragmatismo dos actuaes detentores dos postos de commando, da instrucção publica, que pretendem impor a omnipotencia do Estado, em materia de educação, com o anniquilamento da familia em beneficio da escola publica, sem moral e sem Deus.

Nem um erro nem outro.

Nosso dever parece ser o seguinte.

1.º — *Reunir* todas essas forças dispersas, que se oppõem aos erros *moraes* da "pedagogia nova", mas que não sabem bem o que devem e o que podem querer, nesta confusão da hora que vivemos.

2.º — E para isso dar a essas forças uma finalidade, um chefe e um centro de acção.

A *finalidade* só pode ser e que acima apontamos: *espiritualizar* a educação. E mostrar, praticamente, que os methodos mais modernos da chamada "pedagogia" nova, estão perfeitamente dentro do espirito da escola catholica, tal como *deve ser* comprehendida, se bem que nem sempre tal como é praticada.

O *chefe* dessa cruzada espiritualizadora da nova educação brasileira parece estar naturalmente indicado, pela attitude assumida pelo ex-presidente da A. B. E., cujo prestigio, cuja eloquencia e cujo animo de acção constituem um penhor seguro de victoria nos prelios a emprehender.

O *centro de acção*, finalmente, indispensavel para a tarefa quotidiana, paciente, obscura, mas fundamental do preparo das competencias, individuaes, da discussão dos pontos controversos, da reunião a concentração daquellas forças disseminadas, o centro emfim de preparação e consciencia da *nova pedagogia espiritual*, que deve cohibir e impedir os males da *nova pedagogia leiga*, é naturalmente a Associação dos Professores Catholicos, fundada pelo Sr. Edverdo Backheuser e cuja tarefa hoje tem de ser decisiva para o exito da nova campanha pedagogica, de prophylaxia e progresso da educação publica no Brasil.

3.º—Feito isso, então, intervir corajosamente na elaboração da lei de ensino, desde os principios geraes da Constituição, até a applicação pratica que se faz dos regulamentos, e que se presta a tantos abusos immoraes, como esse qua ha dias verificámos, de um inspector municipal de ensino na zona dos suburbios da Leopoldina, Sr. Jayme Tousada, que está de mansinho determinando, com ordem ou sem ordem do Sr. Anizio Teixeira, não sabemos, que os collegios particulares que usam nomes religiosos, como "Menino Jesus", "N. S. das Mercês" etc. mudem quanto antes esses nomes pelos de vultos da nossa historia? O epizodio é authenticico e recentissimo. Podemos mesmo accrescentar que a directoria do collegio "Cardeal Leme", perguntando-lhe se devia tambem mudar esse nome, recebeu como resposta a concessão de guardar o mesmo, "porque esse, ao menos, é um homem importante" (*sic*)...

Eis a que mãos estão entregues os destinos da nossa instrucção publica...

Só mesmo uma acção pertinaz e corajosa, que reuna a competencia technica indispensavel a uma base philosophica sadia, pode livrar o Brasil do descalabro que será o ensino puramente "technico", sem nenhuma base moral e religiosa. Só a espiritualização do ensino, pela união dos novos methodos pedagogicos dos ideaes moraes do christianismo, pode impe-

dir que o prurido de reformas, que ultimamente tem distinguido os nossos pedagogos não venha a degenerar num verdadeiro desastre para a nacionalidade brasileira e para a felicidade das novas gerações.

E para isso é urgente a congregação de todas as nossas forças mais sadias, em torno de uma finalidade unica, de um chefe unico e de um centro unico de acção.

DA OBEDIENCIA

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS ✕

Do Centro Dom Vital, de S. Paulo

Obediencia á Igreja é o thema sobre que particularmente queremos falar.

Antes, porém, que é a obediencia?

Definamo-la assim: — é a obediencia a virtude moral pela qual o homem se sujeita ao preceito dum superior, executando-o prompta e alegremente.

Não será, comtudo, coisa contra a liberdade natural, dada por Deus ao homem, o obedecer?

De modo nenhum! Não ha liberdade para as coisas inanimadas da natureza que têm de, necessariamente, submeter-se ás noções das coisas superiores, debaixo das leis ferreas que tudo dirigem e de que todos os movimentos inferiores regularmente decorrem.

Não assim, aliás, se dá com o homem, ser racional e livre, porque as acções humanas, procedentes duma vontade que pode querer ou não querer o fim conhecido pela intelligencia e querer ou rejeitar os meios descobertos pela prudencia bem aconselhada, — o homem que recebe uma ordem executa-la-á ou não, segundo o arbitrio de sua vontade.

Então, se desobedece ao preceito justo, cresce-lhe o demerito ou o peccado; mas, similmente, se obedece, cresce-lhe o merito e louvor, por isto que livre elle foi no seu querer e escolher.

E', pois, a obediencia um obsequio racional e livre, e nisto ella se parece, de certo modo, com a fé.

E', demais disso, a obediencia uma como que regra de todas as virtudes, a todos dando o seu beneplacito, e para tudo é mister haja obediencia em virtude da lei natural, humana ou divina, estando esta ás vezes na primeira e na segunda.

A lei natural pede-nos, por exemplo, a temperança, pede-nos a moderação no usar dos proprios bens da natureza humana; a lei humana positiva nos prescreve regulamentos e preceitos que se fazem respeitar por sanções até violentas, assim como as leis naturaes se vingam com mil castigos sob forma de doenças a quem as desrespeita. Da lei divina nem

sempre se vê o castigo positivo terreno, e foge-nos aos olhos do corpo a sanção mui positiva sobrenatural.

Póde o mundo dizer que o que se não vê é vão e até nem existe.

A nós catholicos, porém, a verdadeira realidade é a sobrenatural, pois que é o mundo sobrenatural que garante o ser deste mundo sensível palpavel.

Mais ainda: toda virtude é obediencia: é obediencia a fé, pois temos de crer na palavra de Deus na revelação, a qual nos ensina coisas que, por nós mesmos, nunca descobririamos. Obedecemos a Deus, que, expontaneamente, se revela e conta os misterios insondaveis do seu Ser. E' obediencia a esperanza, como consequencia da fé. Quem, realmente, haveria de crer tão firmemente na gloria e felicidade do seu futuro espiritual, si não fôra Deus mesmo quem o dissera, e mais que isso, si não fôra Elle mesmo quem exigisse a nossa esperanza? E' obediencia a caridade: pois quem ousaria amar ou querer amar a Deus se Elle mesmo, Ente supremo, Essencia pura, não exigisse tal amor com uma insistencia tamanha, com tamanha loucura divina que parece sermos nós, ingratos, os deuses de Deus Nosso Senhor?

II

E nem das virtudes cardiaes se deixa vencer a obediencia: emparelha-se com a justiça, por ser ella tambem uma certa justiça; e mais prestante que a prudencia, porque tem della a virtude e não tem della os perigos; não se deixa vencer da temperança, porque quer o bem, que os outros mandaram; é tão forte como a fortaleza divina, porque nella se confunde seu total abandono.

E' maior que as outras virtudes, pelo desistir da coisa mais nobre e mais excellente.

Dae-me a pobreza em si: esta despreza os bens exteriores, taes os ouros e outras posses; dae-me a propria virgindade: esta desfaz-se de bem corporeo, ao passo que a obediencia despreza (por um acto de vontade) a vontade propria, a vontade livre, aquillo que faz homem o homem.

E', afinal, a obediencia que cumpre todos os mandamentos.

Em nós mesmos, é ella a realização perfeita da ordem do nosso ser: a vontade dominando.

Para com os outros, é a ordem na familia (respeito aos paes, hierarchia conjugal); na corporação, pela hierarchia das competencias, das funcções; na sociedade (obediencia aos superiores); na Nação organizada (obediencia aos principes); na Igreja (obediencia á hierarchia estabelecida que toda se prende em Pedro).

III

E qual é a obra da desobediencia, essa grande chaga da sociedade moderna?

E' a horrorosissima das desgraças: — é a familia desmantelada, porque os paes não obedecem á Igreja de Deus, cousa que seria obedecer a Deus mesmo, e os filhos não obedecem aos paes, logicamente; é a sociedade em polvorosa, é a luta das classes, é a dinamite, é o socialismo anarchico, é o bolchevismo, porque os superiores e patrões não obedecem a Deus, são injustos, e os seus subordinados são consequentes quando também não querem Deus nem senhores.

E' a eterna anarchia, a desordem intellectual, moral e economica, o roubo, a onda de desfalques, a exploração dos humildes, o pauperismo, os emprestimos absurdos, as patrias postas no prego, a venalidade, a libertinagem, o assassinio, o odio, a desmoralização total nos Estados; porque os governos são atheus, mações, materialistas, divorciados da Igreja, *não obedecem a Deus*, ensinam o atheismo ao povo, e os povos não obedecem, logicamente, nem podem obedecer ao Deus que lhe não ensinaram a amar, e muito menos, obedecer aos governos, pois *é por Deus que reinam os reis*.

Ha até governos perseguidores, taes a republica de França ha uns trinta annos, a republica de Portugal ha uns vinte annos, a Chinesa intermitentemente, as republicas Sovieticas Russas e a Mexicana. Isso, para falar das perseguições violentas. Quanto á infamia regalista, laicista, naturalista, essa domina o mundo repaganizado.

Nessa situação, aos catholicos cumpre "antes obedecer a Deus que aos homens" ou, qual diz um philosopho, se o imperador ordena uma coisa, e outra ordena Deus, deve-se obedecer a Deus. E' o que hão feito os verdadeiros povos catholicos, em todas as epocas.

Desobedecer á Igreja é ter todas essas calamidades e arriscar-se a outras peores que todas ellas juntas: *as heresias*, o fruto mais terrivel da desobediencia.

Desobediencia é soberba tão grande, que por ella o antigo anjo de Luz, Lucifer, é hoje filho das trevas.

E' ella, em seu grau mais intenso, tão calamitosa, que engendra Calvinos e Lutheros, com o resto dos outros heresiarcas que vão, gradativamente, desobedecendo e fraccionando a tunica inconsutil da unica Igreja que é a Catholica Apostolica Romana, a qual se oppõe aos mil e um protestantismos que vão cogumelando continuamente, illudindo os bons e dando largas as más tendencias das vontades anarchicas.

E' da desobediencia á Igreja que vêm as perseguições que são catastrophes abominaveis, mas geram christãos esforçados para as lutas do bem, da caridade.

Foi da desobediencia que veio o maior mal que ainda caiu sobre a humanidade: o pecado original.

IV

O tempo ainda não era.

Deus, no seu infinito presente feliz, em que a gloria e a felicidade do Padre, do Filho e do Espirito Santo, era a caridade eterna da substancia divina em sua illimitada essencia que de nada precisa — Deus quiz externar uma obra de amor.

E foi a Criação, e começou a haver o espaço e o tempo.

E tambem foi criado o homem.

E o homem tinha a felicidade que, para ser confirmada, precisava duma prova, que o era de obediencia.

Mas o homem desobedeceu, e elle e sua mulher, e nelles a sua descendencia, foram expulsos da felicidade.

E dahi começa a dor da humanidade.

E quiz a caridade de Deus que a obediencia divina dum ser divino satisfizesse a sua justiça, pelo homem.

E pediu-se a humilhação da Segunda Pessoa Divina, o Verbo que obedeceu e Se fez no ventre duma Virgem, a qual obedeceu a Deus que Lhe fez a Annunciação por meio dum anjo, recebendo este a resposta obediente: — Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em Mim segundo a tua palavra.

E o Verbo ficou homem para satisfazer pelo homem, e o homem foi Deus para satisfazer a Deus.

E Nosso-Senhor Jesus-Christo, o Verbo humanado, satisfez a Deus pela obediencia de seu viver e do seu morrer, pela qual só Elle cumpriu a vontade de Deus.

E a vida da graça foi restituída ao homem, e Elle, para conferidora da graça, instituiu a Igreja Catholica Apostolica dita Romana, por isto que a Providencia divina encaminhou tudo para que o centro da Igreja fosse Roma, nome que é, em latim, portuguez, espanhol e italiano, anagramma de *amor*.

Criou Jesus a Igreja sob o primado de Pedro, o antigo Simão filho de João e cujo nome foi mudado em vista da missão nova que ia ter; criou-a sob o primado de Pedro, que é a pedra da Igreja neste mundo, cabeça visível do grande reino espiritual que nós pedimos todos os dias em nossas orações: *Venha a nós o vosso Reino!*

V

Ha uns mil e novecentos annos, derivando nas paragens de Galiléa a phalange ainda inexperta de rudes e ignorantes filhos do povo, que o Messias escolhera para pregadores da Bôa-nova do Deus que ia ser crucificado, perguntou Jesus aos seus fieis seguidores:

— Que dizem por ahi seja o Filho do homem ?

Após a resposta dizendo que os boatos vulgares eram ser Elle Elias, João Baptista ou algum propheta, interrogou Nosso Senhor directamente aos seus escolhidos:

— E vós quem dizeis que Eu sou ?

Pedro, o mais enthusiasmado, o mais solícito, apesar de não ser o mais forte antes do Pentecostes, tomou a palavra:

— *Tu és o Christo, filho de Deus vivo.*

Foi então que Pedro, sem o saber, deu o seu primeiro dogma, lançou a primeira definição.

E Jesus respondeu:

— Feliz de ti, Simão filho de João; pois que não foi a carne, nem o sangue, quem to revelou, mas sim o meu Pae que nos Céus está.

Isso, affirmara-o Jesus já ha quasi dois mil annos, para remover a pedra de escandalo que havia de ser, seculos após, a infallibilidade doutrinaria papal.

Um homem infallivel ? ! Que absurdo ! Que pretensão !

— Infallivel, sim ! por isto que não é a carne nem o sangue do homem-papa quem define, quem dogmatiza, mas o Pae do Homem-Deus, que esta no Céu.

Infallivel sim ! porque Deus é a verdade.

Pobre do Papa, se não fôra o primeiro missionario de Deus !

Continuemos, porém, a fala de Jesus a Pedro que ainda era Simão. Confere-lhe o Messias uma grande incumbencia:

— *E eu te digo que tu és Pedro (isto é pedra, explicamos), e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e contra ella não prevalecerão as portas do inferno.*

Está, pois, confirmada a missão de Pedro. Deu-lha a verdadeira pedra, a base de tudo, Jesus, em união com Quem é Pedro a rocha sobre a qual, neste mundo, se assenta a Igreja Catholica Apostolica Romana.

E onde não está o primado de Pedro não está a Igreja Prosigamos:

— *E a ti te darei as chaves do reino dos céus. E tudo quanto ligares na terra será ligado nos Céus tambem: e tudo quanto na terra desligares será desligado tambem nos Céus. (Matheus XXVI, 16-19).*

Haverá palavras mais claras e positivas ? No entanto, ellas hão sido comicamente torcidas por “explicadores do Evangelho”.

Não importa. Ahi está o estabelecimento da autoridade da Santa Madre Igreja na sua jerarchia e magisterio sob o pontificado de Pedro, reforçado ainda pelo *ite, docete*.

Outras coisas, outros passos poderíamos citar para firmar a razão da nossa obediencia necessaria á Santa Igreja Catholica Apostolica Romana.

Ouvi, não obstante, o que alhures assera sentenciosamente Jesus, aos que desobedecerem:

— QUEM ME DESPREZA E NÃO RECEBE AS PALAVRAS MINHAS, TEM QUEM O HA-DE JULGAR. A PALAVRA QUE FALEI JULGA'-LO-A' NO ULTIMO DIA. (João, XII, 48).

* * *

As razões philosophicas de nossa obediencia, já as ouvistes. São essas, agora, as divinas que colhemos da tradição escripta.

Tenhamos, portanto, essa obediencia esclarecida e nobre, que vae do parocho aos bispos e ao Papa, Pontifice Supremo, Rei dos reis na terra, como delegado unico de Christo-Rei.

Pio XI chama-se elle agora. E' o Pontifice da Acção Catholica, E' o Pontifice da *fé intrepida*. E' o Pontifice de Christo Rei. E' o Pontifice do Brasil.

Obedeçamos ao seu ensino, nesta hora tenebrosa do mundo, porque elle é Pedro, e porque a pratica do que nos préga nas encyclicas é o que poderá tirar o mundo da confusão, em que andamos, restaurar a Familia, a Nação que anda caminhos de ruina, por desobediencia já muito longa.

Gloria á Santissima Trindade!

ALGUNS PONTOS DE DOCTRINA SOCIAL CATHOLICA (*) ✓

LUIZ SUCUPIRA

(Conclusão)

Paulo Bert, apreciando esta these num livro "Morale des Jesuites" diz, que, com a mesma, "a necessidade desculpa o roubo". Ao que retruca Eduardo Drumont (36), que não se trata de desculpar o roubo, porque o argumento da necessidade não pode, de nenhum modo, tornar licito o illicito. O que acontece é que uma acção que, noutras circumstancias, seria roubo, não é mais roubo, desde que a sociedade, faltando ao seu dever para com um dos seus membros, recusando-lhe o que lhe é absolutamente necessario, fê-lo voltar ao direito primitivo e entrar no systema da comunidade.

Mais sabia e mais prudente não podia ser, pois, a doutrina da Igreja a proposito do assumpto, cabendo adeantar, ainda, que ella vê a propriedade não como *sendo*, mas como *tendo* uma funcção social (37). Mesmo quando foi possuidora de immensos dominios jamais considerou a Igreja o direito de propriedade como direito absoluto, antes sempre se julgando obrigada a manter os pobres e levada a praticar a assistencia publica.

Relativamente á paga que deve merecer o trabalho, a qual, como a propriedade, tem sido objecto de multiplas cogitações, collocou o Catholicismo a questão nos seus devidos termos. Nem o salario minino, attingindo um nivel determinado unicamente pelas necessidades da existencia, aconselhado por Turgot, apoiado, posteriormente, por J. B. Say e Ricardo, nem a chamada lei da offerta e da procura, fixada por Cobden, com um salario que sobe quando dois patrões precisam de um operario e que desce quando dois operarios buscam um patrão.

(*) — Vide *A ORDEM*, numero de novembro de 1932.

(36) — Eduardo Drumont — *La fin d'un monde*.

(37) — A propriedade tem uma funcção social; mas não é uma funcção social. Pio X — *Carta* do Cardial Merry del Val ao conde de Mun.

Aconselhando o **JUSTO SALARIO**, visto por Carlos Gide como o *living wage*, diz Leão XIII que acima da vontade de patrões e operarios está uma lei de justiça natural, que determina não dever o salario ser insufficiente para assegurar a subsistencia do operario sobrio e honrado, commettendo uma violencia contra a qual a justiça protesta o patrão que obriga o trabalhador a acceitar condições duras, levado pela necessidade, ou compellido pelo receio de mal maior (38).

E' força reconhecer, entretanto, que Leão XIII não esclareceu completamente o que devia ser, em regra geral, o **JUSTO SALARIO**, havendo, depois, declarado em carta que o Cardeal Zigliare, em seu nome, enviou ao Cardeal Goossen, de Malines (39), não pecar contra a justiça, mas, talvez, contra a caridade, o patrão que paga um salario sufficiente ao sustento do operario, mas insufficiente para a sua familia.

Pio XI, porém, completando a obra grandiosa de Leão XIII, ao recordar, 40 annos depois, o apparecimento da Encyclica **RERUM NOVARUM**, ajustando-a "ás transformações profundas dos tempos", sem, apesar disso, modifica-la ou altera-la de um *yod*, Pio XI explica ser **JUSTO SALARIO** "a recompensa que baste ao trabalhador para sustentar a si e á sua familia", "exigindo a justiça social que os paes de familia percebam um ordenado tal que seja sufficiente para prover convenientemente ás communs necessidades domesticas", louvando, ainda, os que augmentam a paga do trabalho quando augmentam os encargos da familia (40).

(38) — Mas, si constringido pela necessidade, ou compellido pelo receio de mal maior, aceita (o operario) as condições duras que, por outro lado, lhe não seria permitido recusar, porque lhe são impostas pelo patrão ou por quem faz a offerta do trabalho, é isto soffrer uma violencia contra a qual a justiça protesta. — Leão XIII — *Rerum Novarum*.

(39) — A justiça commutativa exige que haja igualdade entre o salario e o trabalho. Mas si o patrão paga um salario sufficiente ao sustento do operario, embora insufficiente para a sua familia, não pecca contra a justiça, peccando, talvez, contra a caridade; peccando, tambem, contra a equidade natural quando, tirando do trabalho do operario lucro bastante e outras vantagens, deixa de recompensá-lo com uma retribuição espontanea e além da rogada. A justiça social não exige que o operario tenha direito a reivindicar o salario familiar, afim de adquirir para si e sua familia o bem estar material a que elle entende ter direito em justiça, porque a justiça exige somente que haja equivalencia entre o salario e o trabalho fornecido. Quanto aos deveres de caridade e de equidade natural, aos quaes o patrão é, por vezes, gravemente obrigado, elles não comportam um direito correspondente de reivindicação para o operario. — *Resposta do cardial Zigliari, em nome de Leão XIII, ao cardial Goossen, de Malines*.

(40) — Em primeiro lugar, ao operario se deve dar uma recompensa que baste para sustentar a si e a sua familia... E' preciso envidar todos os meios para que os paes de familia percebam um ordenado tal, que seja sufficiente para prover conveniente-

O illustre Pontifice, actualmente reinante, acha, pois, que o JUSTO SALARIO deve ser o que baste não só ao sustento de quem o recebe, mas que attenda igualmente ás necessidades da prole, chegando, ainda, para a constituição, com diligencia, e economia, de algum modesto patrimonio (41).

E' de notar que o reconhecimento dos direitos dos operarios pela Igreja não implica absolutamente na condemnação ou negação dos direitos do capital, porque "não pode haver capital sem trabalho nem trabalho sem capital", embóra "o trabalho seja a fonte unica donde provém a riqueza das nações" (42). Nem por isso as duas classes se devem entredevojar, numa guerra obstinada, desde que ambas teem imperiosa necessidade uma da outra, não resultando de um conflicto perpetuo a que ellas se entreguem sinão confusão e luta selvagem (43).

Com essas palavras, Leão XIII veio mais uma vez re-affirmar a doutrina da Igreja sobre a harmonia que deve reinar entre as classes, sustentada desde São Paulo (44), São Clemente (45), até Pio X (46), Bento XV (47) e Pio XI (48).

mente ás communs necessidades domesticas... São tambem merecedores de louvor todos aquelles que, com sabio e util intento, experimentaram e tentaram diversas vias para que a paga do trabalho se retribua com tal correspondencia aos encargos da familia, que, augmentando estes, tambem aquella seja fornecida mais largamente. Pio XI — *Quadragesimo anno*.

- (41) — Torna-se, pois, necessario procurar com todas as forças que, para o futuro, os capitaes ganhos não se accumulem sinão com justas proporções junto aos ricos, e se distribuam com uma certa amplidão entre os que dão sua mão de obra, não para que estes se afrouxem no trabalho, pois o homem nasceu para o trabalho, como a ave para o vôo, mas para que com a economia augmentem seus haveres e administrando com sagacidade a augmentada propriedade possam mais facil e tranquillamente supportar o peso da familia, e, saídos da incerta sorte da vida, em que se debate o proletariado, não somente sejam capazes de supportar os revezes da vida, mas possam ter a esperanza de que, após a sua morte, serão convenientemente amparados os que elles deixam na terra. Pio XI — *Quadragesimo anno*.
- (42) — Leão XIII — *Rerum Novarum*.
- (43) — Não pode haver capital sem trabalho nem trabalho sem capital. A concordia traz consigo a ordem e a belleza; ao contrario, dum conflicto perpetuo não pode resultar sinão a confusão e lutas selvagens. Leão XIII — *Rerum Novarum*.
- (44) — Servos, obedeci a vossos senhores temporaes com reverencia e solicitude, na sinceridade do vosso coração, como a Christo, servindo-os com boa vontade, como se servisseis o Senhor e não os homens... e vós, os senhores, fazei o mesmo com elles, pondo de parte as ameaças, sabendo que o Senhor tanto delles, como vosso, está nos céos e não faz accepção de pessoas. São Paulo — *Eph. VI-5-9*.
- (45) — Attenda cada um á posição e emprego que lhe foi concedido por Deus; o forte defenda o fraco, o rico olhe pelo pobre e este

Collocada, pois, a questão entre o capital e o trabalho num ponto de vista dos mais elevados e no unico terreno em que se pode processar uma solução justa e perfeita, nem assim ha deixado a Igreja de receber accusações até de “não poucos dos seus filhos”, que “se passaram para as fileiras socialistas”, os quaes apontam a “Ella e aquelles que se proclamaram seus mais dedicados amigos como partidarios dos ricos em detrimento dos operarios, não tendo para estes cuidado algum, levando-os, desta sorte, a procurar as organizações socialistas” (49).

Tal attitude, classificada por Pio XI de “grandissima aberração”, só se explica em face da ignorancia religiosa — um dos paradigmas da nossa éra, “que reincidiu no paganismo” (50).

Porque, alem de ter sido o amor aos humildes (51) a quasi preocupação do Divino Mestre, não ha passo nos Evangelhos em que se não encontrem para os pequenos, os fracos, as criancinhas, os pobres, os perseguidos, nomes os mais ternos e estimulos os mais poderosos. Já, antes, na Antiga Lei, que Nosso Senhor veio para fazer cumprir e não para destruir (52), havia o sabbado (53), o septenato (54) e o jubileu

bemdiga a Deus em nome de quem lhe acode nas suas necessidades... Não podem os grandes passar sem os pequenos, nem estes sem aquelles. Tambem no corpo humano nada faz a cabeça sem os pés, nem os pés sem a cabeça. Não póde o corpo dispensar o serviço dos mais pequenos membros. — São Clemente — *Ep. ad. Cor.*

- (46) — Ninguém deve entreter inimizades e resentimentos entre classes sociaes, mas a paz e a caridade mutuas. Pio X — *Singulari quadam caritate.*
- (47) — As associações catholicas devem não somente evitar, mas, ainda, combater a luta de classes, como essencialmente contraria aos principios do Christianismo. Bento XV — *Carta do cardinal Gasparri á União Economica Social.*
- (48) — Não pode uma classe excluir outra da participação dos proventos. E, si, por isso, fica violada esta lei pela classe dos ricos, quando irreflectidos na abundancia dos seus bens julgam natural tal ordem de coisas que redunde toda em seu beneficio e nada em beneficio do operario; não menos violada fica pela classe proletaria, quando incitada a transgredir a justiça e toda preocupada a reivindicar o seu exclusivo direito, do qual é consciente, exige tudo para si, como sendo produzido pelas suas mãos. Pio XI. — *Quadragesimo anno.*
- (49) — Pio XI — *Quadragesimo anno.*
- (50) — Como em outras eras da Historia da Igreja, devemos lutar com um mundo que reincidiu no paganismo. Pio XI — *Quadragesimo anno.*
- (51) — Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração. *Math. XI-29.*
- (52) — *Math. V-17.*
- (53) — *Lev. XXIII-2.*
- (54) — *Lev. XXV-4 a 7.*

(55), — “esta triplice serie de disposições legislativas, que foi chamada a trilogia economica da Biblia (56), determinando-se, ainda, que o salario do trabalhador não ficasse para ser pago no dia seguinte (57).

Raros, porém, são os que, hoje, lêem o “Codigo de Jehovah”, como lhe chamou Renan (58), o livro dos livros, ou o “livro unico”, na expressão de Walter Scott, segundo o testemunho de Lockart (58). E, dahi, a razão por que affirma Monsenhor Dulst “ter sido o desprezo da leitura da Biblia uma grande desgraça para a sociedade christã” (59).

E si já não se lêem mais os livros santos, muito menos se procura estudar e aprender a historia da Igreja, donde não espantar o desconhecimento, hoje commum, de que o Christianismo “não é só a verdadeira doutrina religiosa, mas a verdadeira doutrina social” (Laforêt), e que foi “uma grande revolução economica”, na affirmativa de Renan.

Sustentar que a Igreja é amiga dos ricos desprezando os pobres não passa, effectivamente, de horrenda aberração.

Seguindo as palavras de Jesus, que mandava desprezar os tesouros da terra e adquiri-los no Céu, “porque onde está o tesouro está o coração (60)”, a directriz do Catholicismo tem sido uma só no tocante ao uso dos bens materiaes, a ponto de santos Ambrósio, Thomás e Graciano serem censurados como socialistas pelos protestantes.

Pode-se dizer, mesmo, que houve até excessos da parte de muitos dos primeiros santos em apreciar as riquezas. Assim é que São Tiago diz que os ricos juntaram um tesouro de ira para os ultimos dias (61). São Jeronimo entendia que a opulencia era sempre o producto do roubo, si não do que a desfrutava na occasião, pelo menos dos seus antepassados.

(55) — Lev. XXV-11 a 17.

(56) — José Toniolo — *A noção christã da democracia*.

(57) — Lev. XIX-13.

(58) — Nada se parece tanto com a natureza como a Biblia, abrupta ou suave, sublime ou familiar como ella. Por outro lado, nenhum livro humano, seja elle a “Imitação de Christo”, nos fala, nos commove, nos edifica, nos transporta como o Evangelho, nos instrue para a vida pratica social, a par dos *Proverbios* e maximas sapienciaes de Salomão. Padre Senna Freitas—*A Biblia*.

(59) — Estou convencido de que o desprezo da leitura da Biblia, de ha uns cem annos a esta parte, tem sido uma grande desgraça para a sociedade christã, uma causa de fraqueza para as almas, e uma das causas que explicam a extincção progressiva da fé. Monsenhor Dulst. — *La question biblique*, art. no “Correspondant”, de 15.1.893.

(60) — Math. VI-19 a 21.

(61) — Tiago V-3.

São Basilio, o Grande, affirmava que o rico é um ladrão. Santo Ambrosio sustentava que a natureza pôs em commum todas as coisas para uso de todos e que foi a usurpação que criou o direito particular. São Gregorio, o Grande, ensina que quando proporcionamos meios aos que vivem na indigencia não nos privamos do que nos pertence, mas lhes devolvemos o que é delles, fazemos menos obra de misericordia que o pagamento de uma divida. Santo Thomás considera o socorro ao pobre como um debito legal.

Bordaloue, já mais proximo de nós, via na origem das grandes fortunas coisas de fazer tremer.

Leão XIII adverte aos afortunados deste mundo de que as riquezas não são de nenhuma utilidade para a vida eterna, mas antes um obstaculo (Math. XIX — 23, 24), e dia virá em que deverão prestar a Deus, seu Juiz, rigorosissimas contas do uso que hajam feito da fortuna que possuirem. E ordena: Os ricos devem prohibir-se religiosamente todo acto violento, toda a fraude, toda manobra usuraria, que seja de maneira a attentar contra a economia do pobre, e isto mais ainda porque este é menos apto para defender-se, e porque os seus haveres, por serem de minima importancia, revestem um character mais sagrado (62).

Pio XI condemna os methodos modernos de enriquecer, que envolvem sempre crimes graves contra os outros, verdadeira estrada larga de perdição e de iniquidade (63), adiantando ainda que mesmo a supposição de que cada um haja obtido tudo o que lhe pertence por direito, ficará sempre um campo larguissimo para a caridade (64).

Pelo contrario, de maneira toda differente olha a Igreja para as classes desprotegidas dos bens de fortuna. “Não se occupa somente das suas desgraças particulares, mas alarga a sua acção e irradia-a sob a forma de instituição social de auxilio em favor das massas. E estabelece as distribuições regulares de esmolas, pelos diaconos, na igreja primitiva; as fundações hospitalares; os soccorros mantidos pelos bens das igrejas e dos mosteiros; os patrimonios collectivos das associações ruraes e das corporações; as escolas abertas, desde os primeiros tempos, em cada parochia; tudo isto destinado a sustentar, a fortificar, a rehabilitar e a ennobrecer as multidões soffredoras e humilhadas”. (65).

Porque aceitavam os christãos, no seu meio, operarios e pobres, recebiam dos pagãos o qualificativo de *latebrosa et lucifuga natio*. Nos tumulos dos primeiros christãos era com-

(62) — Leão XIII — *Rerum Novarum*.

(63) — Pio XI — *Quadragesimo anno*.

(64) — Idem, idem.

(65) — José Toniolo — *op. cit.*

num encontrar-se como epitaphio: *Amatrix pauperorum et operaria*.

Continuando sempre a olhar para os pobres e para os trabalhadores, o Catholicismo determina ás instituições que cooperem para o bem geral, devendo, porém, num sentido particular, cuidar sempre das classes inferiores. Isto porque "a classe rica faz das suas riquezas uma especie de baluarte e tem menos necessidade da tutela publica" (66). E, dahi porque ordenou a Igreja aos reis que jurassem sobre os Evangelhos que não recusariam nunca justiça aos fracos, ás viúvas e aos orphãos. Com o apparecimento dos Estado Geraes, na França, deu ao rei a missão de representar e defender o povo no governo geral. A' nobreza territorial germanica, detentora da força militar e politica, entregou a protecção dos servos de gleba e o amparo dos fracos e miseraveis, constituindo-se o patronato. Com a supremacia burguesa, "cupida sempre de uma sordida plutocracia", impôs-lhe a Igreja o dever de respeitar os povos das cidades e dos campos, sempre faceis de cair na dupla escravidão das dividas e da ignorancia, attribuindo-lhe mais a obrigação de educar este povo até levá-lo a participar da sua intelligencia, do seu espirito emprehendedor, dos seus proprios capitaes, nascendo, então, as *commanditas*, os censos e as *meações* (67).

Tão forte é a projecção luminosa da actuação benéfica do Christianismo atravez das idades, que um escriptor inglês e protestante, Hyndmann, depois de affirmar que a Igreja Catholica é a unica insigne corporação na qual reinou sempre o principio da igualdade de todas as condições, confessa que durante o tempo em que Ella manteve na Inglaterra os seus bens e o seu poder, a pobreza permanente e o pauperismo popular foi coisa desconhecida (68).

Nitti affirmou com mais amplitude que "o empobrecimento da Igreja pela autocracia feudal e pela burguesia foi uma grande desgraça para o povo" (69).

E essa desgraça desapparecerá somente com a restauração das instituições christãs, hoje mais necessarias do que nunca. Um sentimento de reacção, de melhora, de desabafo, de remedios violentos empolga todos os espiritos e todos reclamam uma solução qualquer para os complicados problemas sociaes. Mas estes problemas, que os homens "esquecidos ou ignorantes de que a economia tem um caracter social não me-

(66) — Leão XIII — *Rerum Novarum*.

(67) — José Toniolo — *op. cit.*

(68) — Hyndmann — *The historical basis in socialism in England*.

(69) — Nitti — *Le socialisme catholique*. No seculo XIII, Clemente IV permitiu que os pobres occupassem e lavrassem a terça parte das terras que os proprietarios não cultivassem. No Seculo XV, Sixto IV ordenou o mesmo para os Estados Pontificios.

nos que moral" (70) persistem em reduzir a simples questão economica, "não podem ser resolvidos fóra da religião" (71), "porque" a religião, só a religião é capaz de manter em solidos fundamentos a paz de uma nação (72). Desde que retiraram ás almas os sentimentos que a sabedoria christã semeia e cultiva, desde que menosprezaram a providencia, a temperança, a paciencia e outros bons costumes naturaes, inuteis serão os mais laboriosos esforços para reaver a prosperidade perdida (73).

O problema social, escreveu Leroy Beaulieu, é antes de tudo um problema religioso, um problema moral. Não é uma questão de estomago, como a imaginaram os materialistas. É, antes do mais, uma questão espiritual, uma questão de alma. A questão social não pode ser alcançada sinão pela reforma moral (74). E Leão XIII confirmou estas palavras, acrescentando que, "para obter a cura dos povos é preciso appellar para uma força superior ao homem, uma força que attinja os corações, que lhes restitua a consciencia dos seus deveres e os torne melhores. E esta força é evidentemente a que já salvou da morte o mundo esgotado por males maiores ainda. Fazendo reviver o espirito christão no Estado, o Estado reviverá (75).

Adopte-se a reforma do mundo moral nas bases que a Igreja propõe e desaparecerá a luta de classes, e cessarão a anarchia do mercado, a usurpação da propriedade por uma certa hegemonia de classe, o imperialismo economico, o internacionalismo bancario, a cobiça do lucro, o desmedido desejo de predomínio, a desenfreada liberdade de concorrência, o "accumulo de um poder enorme, de uma posse despotica

(70) — Pio XI — *Quadragesimo anno*. A questão social é uma questão moral — Ziegler. A questão social é, ao mesmo tempo, uma questão moral e uma questão economica — Carlos de Vogelsang. A questão social não pode ser apenas uma questão economica, porque, interessando ao homem, nem só de pão vive o mesmo — Nitti. A evolução economica vae de par com a evolução moral — Letourneau.

(71) — Leão XIII — *Rerum Novarum*.

(72) — Leão XIII — *No meio das solitudes*.

(73) — Retirae ás almas os sentimentos que a sabedoria christã semeia e cultiva; retirae-lhes a providencia, a temperança, a paciencia e os outros bons costumes naturaes, vãos serão os vossos mais laboriosos esforços para que lhes procurar a prosperidade. Leão XIII — *Graves de communi*.

(74) — A. Leroy Beaulieu, in *Rev. des Deux Mondes* — 15.12.891 — A questão social não se baseia apenas num problema economico, mas encerra, sobretudo, um problema moral. Nitti — *Le Socialisme Catholique* — O problema social é antes moral que economico. — Carlos Perin.

(75) — Leão XIII — *Tametsi futura*, — Si a sociedade humana deve ser curada, não o será sinão pelo regresso á vida e ás instituições do Christianismo. — Leão XIII — *Rerum Novarum*.

da economia nas mãos de poucos" (76), todo esse immensuravel acervo de males que vem produzindo a agitação universal.

Assegure-se a todos o necessario e augmentem-se as commodidades das classes trabalhadoras (78), sem permittir a exploração do pobre pelo rico, nem as reivindicações injustas deste sobre aquelle (79), mas respeitando-se os direitos reciprocos (80). Mantenha-se a propriedade privada, mas com as suas limitações naturaes, moraes e legaes (81). Reconheça-se o facto natural da desigualdade accidental entre os homens (82). Restaurem-se as praticas dos principios ethicos. Defendam-se os direitos essenciaes do trabalhador (83), fazendo-

(76) — Pio XI — *Quadragesimo anno*.

(78) — A sorte da classe trabalhadora, tal é a questão que hoje se trata, será resolvida pela razão ou sem ella, e não pode ser indifferente ás nações que o seja por uma ou por outra maneira Leão XIII — *Rerum Novarum*.

(79) — Afim de se conservar integro o bem commum de toda sociedade, não póde uma classe excluir outra da participação dos proveitos, ficando violada essa lei quando os ricos, irreflectidos na abundancia dos seus bens, julgam natural que tudo redunde em seu beneficio e nada em favor da classe operaria; não menos violada fica a dita lei pela classe proletaria, quando, transgredindo a justiça e toda preocupada a reivindicar seu exclusivo direito, exige tudo para si. Pio XI — *Quadragesimo anno*.

(80) — Em manifesto publicado em Junho de 1903, a Loja Democratica Catholica, da Hollanda, aconselhava a formação de Conselhos de Trabalho, para aplainar as differenças surgidas entre patrões e operarios.

(81) — Negar o direito de propriedade, como fazem os socialistas-democraticos, é um grave erro. A propriedade privada está na ordem natural e se funda sobre principios eternos e immutaveis que a regem. Em todo o caso, mesmo para o direito de propriedade ha um limite. Os theologos catholicos entendem que tal direito não possui a extensão de poder ser invocado contra o proximo, em perigo de morrer de fome. — Ketteler.

(82) — Esta desigualdade, por outro lado, reverte em proveito de todos, tanto da sociedade como dos individuos; porque a vida social requer um organismo mui variado e funcções mui diversas, e o que leva, principalmente, os homens a partilharem essas funcções é precisamente a differença de suas respectivas condições. Leão XIII — *Rerum Novarum*.

(83) — Em 1890, o padre Alberto Maria Weiss, provincial dos Dominicanos na Austria, e autor de uma obra magistral, intitulada "Apologia do Christianismo", preconizava a necessidade de "um direito internacional para o trabalho, direito que, ao menos, nas suas grandes linhas, deveria ser uniforme para todos, com a reserva natural, na sua applicação, das condições sociaes particulares a cada povo".

— Na mesma epoca, o padre Kolbe, S. J. achava ser absolutamente indispensavel á solução da questão social chegar-se a uma regulamentação internacional do trabalho e que se estendesse a todo o mundo civilizado.

se estes direitos respeitados nas relações com o trabalho, adoptando-se contractos de trabalho (84), proporcionando-se salarios suficientes á manutenção do proletario e da prole (85), supprimindo-se as tarefas excessivas (86), reconhecendo-se a personalidade moral do operario (87), proporcionando-se-lhe o descanso dominical (88), facilitando-se-lhe o aconchego da familia (89), dando-se a esta protecção e amparo. Reorganizem-se as corporações de officios, de accordo com a epoca actual (90). Dê-se ao trabalhador instrucção apropriada. Collo-

-
- (84) — E, em primeiro lugar, a affirmação de que o contracto de offerta e de ajuste de obra seja por natureza injusto, e, portanto, deva ser substituido por um contracto de sociedade, é affirmação gratuita e calumniosa contra o nosso Antecessor, cuja Enciclica, RERUM NOVARUM, não só não o admite, mas trata longamente sobre o modo de disciplina-lo segundo as normas da justiça. Todavia, nas hodiernas condições sociaes, julgamos seja mais prudente que, na medida do possível, o ajuste do trabalho venha a ser temperado um pouco com o contracto de sociedade, conforme já se principiou a fazer em diversas maneiras, com não poucas vantagens para os mesmos operarios e patrões. *Quadragesimo anno* — Pio XI.
- (85) — E' preciso que o salario satisfaça, no minimo, a três condições — corresponda ás necessidades da existencia do operario, indemnize-o do perigo de morte por mutilação a que está sujeito, quando a serviço do patrão, e lhe dê compensação para a utilização normal e regular das suas forças. — Discurso do lider catholico Gaspar Decurtins, em 1885, no Conselho Federal Suíço.
- (86) — O que pode fazer um homem valido e na força da idade, não será equitativo exigi-lo duma mulher ou duma criança. Especialmente a infancia — e isto deve ser estrictamente observado — não deve entrar na officina sinão depois que a idade tenha desenvolvido nella as forças physicas, intellectuaes e moraes: do contrario, como uma planta ainda tenra, ver-se-á murchar com um trabalho demasiado precoce e dar-se-á cabo da sua educação. Leão XIII — *Rerum Novarum*.
- (87) — Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operario como escravo, mas respeitar nelle a dignidade do homem, realçada, ainda, pela do christão. Leão XIII — *Rerum Novarum*.
- (88) — O direito ao descanso de cada dia, assim como a cessação do trabalho no dia do Senhor, deve ser a condição expressa ou tacita de todo contracto feito entre patrões e operarios. Onde está condição não entrar o contracto não será probo, pois ninguem pode exigir ou prometter a violação dos deveres do homem para com Deus e para comsigo mesmo. Leão XIII — *Rerum Novarum*.
- (89) — A peor desordem é que as mães de familia, pela escassez do salario do pae, sejam obrigadas a exercer uma arte lucrativa, fora do lar domestico, descurando, assim, suas incumbencias e deveres proprios e particularmente o cuidado e a educação dos seus filhos, desordem que deve ser eliminada com esforço. Pio XI — *40.º anno*.
- (90) — A solução da questão social está unica e exclusivamente na reorganização das corporações profissionaes, no restabelecimento do regime corporativo que existia na idade media, ainda que com base economica mais larga e um espirito mais democratico. Hitze.

quem-se-lhe á mão os meios para evitar-lhes ou aliviar-lhe a miseria (91). Assegure-se-lhe a situação economica, instituindo-se cooperativas de credito, caixas de socorros, seguros contra accidentes, casas para residencia. Protejam-se as mulheres e os meninos (92). Reclame-se a intervenção do Estado, mas somente para reprimir abusos, evitar desastres e fomentar a melhoria das condições moral e material dos trabalhadores (93). Mas, sobretudo, facilite-se a diffusão do espirito de caridade christã, no sentido de que todos os que teem mais

— No Congresso Catholico de Roma, levado a effeito em 1894, foram expostas as seguintes idéas, para a syndicalização das classes: — Todos os membros de cada profissão se inscreviam em listas especiaes, na Administração Publica. Os membros de cada profissão, assim inscriptos, constituíam o corpo profissional. Cada corpo tinha seus regulamentos, aos quaes todos os membros se submetteriam. Cada corpo teria um conselho, a dirigi-lo, composto de delegados dos syndicatos. Os conselhos legislariam estando as suas deliberações sujeitas a um *referendum*, quando isso exigisse certo numero de membros da profissão. Os conselhos teriam certas attribuições judiciaes, nomeariam a representação das profissões nos congressos, etc.

(91) — E' necessario ainda prover dum modo especial a que em nenhum tempo falte trabalho ao operario; e que haja um fundo de reserva, destinado a fazer face, não somente aos accidentes subitos e fortuitos inseparaveis do trabalho industrial, mas ainda á doença, á velhice e aos revezes da fortuna. Leão XIII — *Rerum Novarum*.

(92) — E' justo que tambem o resto da familia, cada um segundo suas forças, contribua para o sustento commum, como já se observa nas familias dos camponeses e tambem em muitas familias de artifices e de pequenos commerciantes. MAS É NECESSARIO QUE SE NÃO ABUSE da idade pueril nem da fraqueza da mulher. Pio XI — 40.º anno.

(93) — Na Assembleia Geral dos Syndicatos Catholicos reunidos em Colonia, uma das declarações approvadas dizia que garantir e favorecer o desenvolvimento da organização profissional é um dos principaes deveres do Estado.

— Monsenhor Germain, arcebispo de Tolosa, em Carta Pastoral "sobre a paz social por meio da organização christã do trabalho", diz que os profissionaes devem fazer, elles proprios, as leis da profissão, sob a inspecção benefica do Estado, eliminando, porem, os regulamentos do Estado, sempre mais ou menos prejudiciaes.

— O Estado tem obrigação de socorrer aos que necessitam mas não de lhes melhorar a condição normal. Ketteler.

— O Estado deve favorecer tudo o que, de perto ou de longe, pareça de natureza a melhorar a sorte dos trabalhadores. Esta solicitude, longe de prejudicar alguem, tornar-se-á, ao contrario, em proveito de todos, porque importa soberanamente á nação que homens, que são para ella o principio de bens tão indispensaveis, não se encontrem continuamente a braços com os horrores da miseria. Leão XIII — *Rerum Novarum*.

— O que se pede aos governantes é um concurso de ordem geral, que consiste em toda a economia das leis e das instituições; queremos dizer, que devem fazer de modo que da mesma

cuidem dos que teem menos ou nada possuem, empregando-se o superfluo em favor dos necessitados (94), e terão os povos encontrado o remedio para os males da sociedade e para as perturbações politicas dentro destes postulados defendidos pela Igreja de Christo, "cuja inefavel e materna ternura sempre curou todas as feridas e linimentou todos os soffrimentos com o balsamo que promana da Cruz e a virtude divina que a palavra apostolica derrama" (95).

organização e do governo da Sociedade brote, espontaneamente e sem esforço, a prosperidade, tanto publica como particular. Leão XIII — *Rerum Novarum*.

— E quando falamos de reformar as instituições, pensamos primeiramente no Estado, não porque devemos esperar da sua intervenção toda a salvação, mas porque, devido ao vicio do individualismo de que falamos, as coisas chegaram a tal ponto que, abatida e quasi extincta a antiga forma de vida social, que se desenvolveu em tempos mediante um conjuncto de associações diversas, foram-se defrontando quasi a sós os individuos e o Estado. Pio XI — *Quadragesimo anno*.

(94) — A Sagrada Escripura e os Santos Padres, com toda a clareza e continuamente, denunciam aos ricos o gravissimo preceito que os obriga a exercer a esmola, a beneficencia, a liberalidade. Empregar, porém, proventos mais abundantes em obras que dêem oportunidade mais vasta de trabalho, contanto que esse trabalho se faça para produzir bens verdadeiramente uteis, dos principios do Doutor Angelico se deduz que não somente isto é immune de todo o vicio ou imperfeição moral, mas deve julgar-se como obra conspicua da virtude da magnificencia, que corresponde totalmente ás necessidades dos tempos. Pio XI — *Quadragesimo anno*.

(95) — J. Alzog — *Histoire Universelle de l'Eglise*.

A PEDAGOGIA CATHOLICA E O ENSINO DO CATECISMO (*) †

C. A. BARBOSA DE OLIVEIRA

A alma de toda a educação é a
educação da alma.

DE HOVRE

A pedagogia catholica, em sua fundamental unidade, reúne elementos julgados nas outras doutrinas como inconciliáveis !

A Eterna Verdade leva a um conceito do Creador e de suas creaturas, o que empresta um universalismo essencial e basico ao principio philosophico della decorrente !

A concepção unilateral do sêr humano tem conduzido pensadores, pedagogos, bem como os systemas por elles imaginados, a erros resultantes do sector, mais ou menos acanhado, a que circumscreveram o seu movimento.

Quebrada a unidade basilar, como o fizeram: Spencer, com o homem animal — Marx, com o homem economico — Durkheim, com o homem social — Freud, com o homem "libido" — Descartes, com o "homo-sapiens" — Spengler, com o "homo-faber" — Rousseau, com o homem sentimental e Nietzsche com o superhomem — quebrada a unidade basilar, as philosophias e pedagogias firmadas sobre conceitos parciaes do sêr homem não logram resolver o complexo problema de conjuncto como clama e reclama a mentalidade superior para sua completa satisfação.

O seculo dezenove tornou-se orgulhoso de suas conquistas, dos seus direitos, de seus methodos e aparelhamentos scientificos. Com todo esse esplendor, entretanto, não conseguiu a unidade interior, tão calorosamente aconselhada. O atomismo infestou todas as esferas da sabedoria, o individualismo assolou todos os campos sociaes, levantando o homem contra o homem, a classe contra a classe, estabelecendo uma luta atroz de interesses immediatos e creando

(*) Conferencia feita na Semana de Doutrina Christã, promovida pela Associação Fluminense de Professores Catholicos.

um isolamento profundo, pela perda de uma finalidade suprema unica, pelo desconhecimento de um destino instituido por Deus, Nosso Senhor!

Na vida espiritual, e consequentemente na vida material das sociedades, manifesta-se uma anarchia crescente pela lacuna, cada vez maior, de um pensamento divino a inspirar a humanidade! E a ausencia dessa directriz, tem revelado, eloquentemente, que o individualismo é uma reforma negativa, pois a civilização d'elle emanada, com a sua democracia, o seu materialismo e a sua technica, com a sua imprensa, a sua bolsa e o seu parlamento, só alcança a fama de pioneira da liberdade, do direito e do progresso. . . mas, de facto, da liberdade no erro, do direito no negar, do progresso na ousadia de ultrajar a grande, a santa verdade?

O homem não pode ser o fim do homem: não pode viver somente para si, não pode servir exclusivamente á sua propria pessoa. Si não tem o Deus verdadeiro, elle adopta falsas divindades e a estas se submete, tantas vezes sem o perceber, com o objectivo, porém, de dar fim, embora ephemero, ás suas inquietações.

Feito para o bem, apesar de deformado pelo peccado, elle geralmente procura se elevar, quando não dominado por erronea doutrina. O homem, para elle mesmo, é um mysterio: a sua origem e o seu destino são interrogações que o atormentam, si desconhece o ensinamento catholico.

A EDUCAÇÃO, disse Spranger, NÃO E' UM TRABALHO DE USINA, onde, por exemplo, o fio de linho é usado sem a preocupação de onde elle veiu e para onde vae o tecido.

A EDUCAÇÃO E A PHILOSOPHIA DA VIDA ESTÃO LIGADAS, como affirmou Litt, NÃO TANTO PELO LADO LOGICO DE CAUSA E EFFEITO, MAS POR UMA SOLIDARIEDADE VIVA COMO DOIS RAMOS DE UM MESMO TRONCO.

Com prazer verificamos, lendo mestres consagrados, que diversas correntes novas, intencionalmente rectas, depois de demorado estudo foram buscar a pedagogia catholica e puzeram em evidencia sua caracteristica estructura.

Paulsen, apreciado historiador não catholico da pedagogia, declara a nossa Igreja como a educadora de todos os povos occidentaes.

Os trabalhos de Wilmann, Thalhofer, Corcoram, etc., concorrem com grande brilho para o renascimento, que vem se operando, da pedagogia catholica, destruidos gradativamente, pelos factos observados, os diversos idolos que afastaram temporariamente os magnificos ensinamentos dessa superior orientação pedagogica.

Entre os radicaes, como Durkheim, Dewey, Kerschensteiner, Kriek e outros, temos a oportunidade de achar as suas idéas já realizadas ha seculos pela Igreja Catholica, como instituição educativa. A superstructura christã é posta de lado, mas os seus planos são identicos, pois, no catholicismo é de facto a communitade que educa, para elle a educação é dever essencial dessa communitade, a escola é uma sociedade embryonaria, cujo ideal educativo é a socialização dos alumnos e cuja disciplina formadora fundamental é de natureza supra-individual.

Proclamado pelas maiores autoridades como lei principal, que **TODA PEDAGOCIA E' BASEADA SOBRE UMA PHILOSOPHIA DA VIDA**; demonstrado que a pedagogia catholica considera a educação como unidade viva, encarando sempre o homem completo, a sua formação integral, tendo presentes a verdade e a realidade em seu conjuncto, antes de bem estabelecer a base dessa "PEDAGOGIA PERENNIS" para chegar ao alto objectivo que de direito lhe cabe, quero vos transmittir mais uma opinião autorizada, recente e de immenso relevo nessas considerações preliminares aqui formuladas.

São do Dr. Rud. Allers, na sua obra "Das werden der Sittlichen Person", as seguintes palavras:

["Na philosophia theorica, e egualmente nas sciencias praticas e empiricas, como a pedagogia, a sociologia, a psychologia, a anthropologia, vemos as antigas idéas catholicas renascere[m] para nova vida".

Applaudindo calorosa e cordialmente esse auspicioso renascimento devemos todos nós — catholicos — empenhar os nossos melhores esforços para bem colher, na dura experiencia de tantos annos, os preciosos ensinamentos que esta encerra. Conjurando os males por diversas circumstancias determinadas, temos de firmar uma direcção segura para o pretendido exito!

O PEDAGOGO — com o enorme prestigio do seu valor, sustentou Foerster (Schule und Charakter) — **TEM DE SER UM ORGANIZADOR ESPIRITUAL QUE PRESERVE O HOMEM DA DISSIPACÃO CORRUPTORA DO CHARACTER, COLLOCANDO O MAIS ESSENCIAL AO CENTRO, FIXANDO LIMITES AO ACCESSORIO, AFASTANDO O SUPERFLUO E SUBORDINANDO O TEMPORAL A' ETERNA SALVAÇÃO DA ALMA.**

Nesses termos magistraes resalta, com precisão e clareza, a importancia extraordinaria, em um programma educativo, da expressão evangelica "unum necessarium", com a qual o Divino Mestre lembrou a Martha o "conhecimento de Deus", como preceito primordial de toda e qualquer acti-

vidade da vida, mesmo quando bôa, como nesse caso da irmã do Lazaro.

Nessa prescripção admiravel apparece o ensinamento religioso, como fundamento da educação da alma, que no dizer do notavel professor de pedagogia de Antuerpia é a alma de toda educação!

Eis ahi — nem mais nem menos — colocado na devida altura, o Catholicismo — segundo Macaulay — o facto capital da historia do mundo!

A pedagogia catholica não é um systema entre muitos outros, mas o prototypo, a quinta-essencia do verdadeiro pensamento pedagogico.

Assim sendo o ensino da religião deve para os catholicos gosar de uma primazia sobre o das demais disciplinas escolares, pois inicia as almas na doutrina, na moral e no culto, preparando-as para a vida, conforme o Evangelho.

Reconhecida a relevancia da pedagogia de catecismo, especialmente pela justa apreciação da intelligencia e capacidade das creanças, muito se tem aperfeiçoado o methodo de educação religiosa, de forma a — utilizando tudo quanto o passado nos legou de excellentes — tornal-o de maior effi-cacia pelo emprego de certos processos actualmente adoptados, com indubitavel proveito, em todo o ensino.

Não tem sido pequena a difficuldade a vencer, para dar ao tradicional catecismo em sua admiravel simplicidade, toda a effi-ciencia que o caso requer, não para a diminuição do trabalho, mas pelos meios postos em pratica, para tornar esse trabalho mais fecundo.

A obra catechista, como um rico apostolado, muito se tem desenvolvido em sua bella tarefa, de salvar almas, combatendo a vasta ignorancia religiosa que, embora bem denunciada, ahi está a desafiar o zelo dos bons catholicos, leigos ou não, mas inflammados todos pela maior gloria do seu Divino Creador!

O ensino da religião á infancia, com suas leis e seu methodo, tem, em uma palavra, sua pedagogia, baseada na psychologia da creança! Fazem os modernos, com razão, do alumno o centro do mundo escolar, mas nem sempre comprehendem em sua justa medida o que ensinou Jesus, quando asseverou: "quem não receber o reino de Deus como um menino, não entrará nelle". (S. Lucas XVIII, 17).

Aureolado com o nimbo de modelo, a sua dignidade deve ser respeitada em todo trabalho genuinamente educador, e o criterioso preceito pedagogico entendendo a grandeza dessa lição, condemna o "psychologismo", essa psychologia abstracta dos elementos, como fonte de erros, mas, applaude a psychologia da vida concreta que dá aos mestres o valioso conhecimento da realidade humana!

O preparo dos mestres, e entre elles o de catecismo, assume, então, um destaque innegavel, pois muito importa, sem duvida, o methodo, mas de muito mais importancia é a qualidade do educador. E nesse sentido grandemente interessa a seguinte advertencia, feita pelo Summo Pontifice Pio X — em sua notavel Encyclica "Acerbo nimis", datada de 25 de Abril de 1905:

"Não desejamos que alguém imagine o ensino do Catecismo não reclamar trabalho e meditação. Ao contrario são aqui mais necessarios que em qualquer outra coisa. E' mais facil achar um orador de palavra abundante e brilhante que um catechista, cujas explicações mereçam ser approvadas em todos os pontos. Qualquer que seja a facilidade de concepção ou de expressão da qual alguém seja dotado, ninguem pode, com proveito espiritual, falar da doutrina christã a adultos e creanças se anteriormente não se preparou pelo estudo e por seria meditação".

O ensino vale o que vale o mestre, donde a necessidade imperiosa da formação professoral e essa mais exigente se torna no capitulo da educação religiosa, pelo seu cunho de um subido apostolado.

Como estabelece o Abbé Quinet, em seu magnifico livro de notas pedagogicas, o preparo das lições exige um trabalho de intelligencia e um trabalho de alma.

O primeiro abrange o modo de apresentar a materia e a divisão do assumpto, fixando-lhe as grandes linhas, a ligação com a aula anterior e o encaminhamento para a aula seguinte. Nessa parte, levando em conta os dados psicologicos e pedagogicos já alludidos, deve procurar uma bôa formula de traduzir o abstracto em concreto, de apresentar as idéas secundarias susceptiveis, conforme o tempo disponivel, de serem desenvolvidas, e de salientar o fim a attingir com a lição dada.

O segundo, relativo ao trabalho da alma, tem de comprehender tudo quanto concorra para o augmento da vida espiritual dos alumnos, sendo de bom conselho pequenas meditações de alguns minutos — feitas lentamente de forma que as creanças as possam acompanhar — e que terminem por uma resolução ou uma prece.

O catechista resume toda sua lição no quadro negro, o que contribue para esclarecer as divisões, reter as definições e desenvolver o trabalho pessoal de cada creança, pois á intelligencia de cada uma, separadamente, elle se dirige, conseguindo assim uma continua e vantajosa attenção.

A obra desse Inspector do Ensino Religioso da Diocese de Paris — "Carnet de preparation d'un Catechiste" — é excellente, e sob o titulo "Vinte e cinco minutos de catecismo

no quadro negro" elle offerece lições typo, de alto proveito para os mestres incipientes.

Outro livro encantador para collocar as verdades religiosas ao alcance das creanças e facilitar o trabalho dos encarregados desse difficil ministerio é o "Spiritual Way" de "Mother Bolton", Professora e Religiosa do Cenaculo. Essa obra, enriquecida com bellas gravuras coloridas, é impressa de accordo com todas as exigencias da bôa pedagogia e editada pelo "Department of Education for the teaching of christian doctrine — Fordham University". As lições são acompanhadas de "Right and wrong tests", sendo prescripta a elaboração pelos alumnos, individualmente, do seu "Project book", onde cada um registra as perguntas feitas, as respostas dadas, attende aos tests formulados e prepara, assim, o seu proprio livro, com o cuidado e a apparencia que o seu zelo permite, em tudo estimulado pelos melhores trabalhos de seus collegas.

Quero ainda citar uma obra tambem magnifica, esta agora italiana, "La dottrina Cristiana, insegnata col metodo intuitivo por Andrea Bairati (Maestro e Parroco), onde ha quadros e questionarios para ajudar o Professor em sua missão docente.

A technica de bem narrar — em que é exemplar o trabalho de M. M. d'Aubigny, "Formation chretienne de Mes Touts-Petits" — tem papel elevadissimo no methodo educativo da Igreja Catholica, quando ensina a sua doutrina, aceitando e formulando perguntas em torno da narrativa apresentada em linguagem simples e accessivel aos alumnos mas com o ambiente caracteristico dos acontecimentos que, com calor e entusiasmo, deve traduzir. Fazendo do methodo inductivo um alliado, guia a creança na exacta apreciação dos factos, descobrindo-lhes a ligação do effeito á causa no dominio das acções humanas e elevando-a dest'arte, de gráo em gráo, até á verdade, até mesmo á conclusão do milagre occorrido, em certos casos, para revelar a omnipotencia de Deus. Partindo sempre da intuição viva, procedendo do simples para o complexo e do conhecido para o desconhecido, tratando-se de creanças, esse methodo conduz a riquissimos frutos. Não se começa pela lei que apparece, finalmente, com o character de uma solução, uma consequencia, não como qualquer coisa abstracta, como resultado de circumstancias concretas do estudo feito!

Verifica o alumno assim que a distincção entre o bem e o mal não foi inventado por idealistas estranhos e hostis a esta vida terrena, onde o tempo nos é concedido para, pelos nossos bons esforços, amparados pela bençãam do Senhor merecermos, afinal, a eternidade feliz!

Terminando essas rapidas notas sobre tão relevante assumpto, onde muito temos a realizar em nossa patria, de-

sejo com a minha voz, louvando essa brilhante iniciativa da Associação de Professores Catholicos de Nictheroy, sob os auspícios do Exmo. Bispo Diocesano, fazer um vehemente appello para um combate, sem treguas, á ignorancia religiosa e, principalmente, a uma das suas maiores causas sociais, "o medo da verdade", dessa verdade sobrenatural que não é somente theorica, mas praticamente sentida em cada pulsação do nosso attribulado viver!

Quando o dom de Deus se revela á alma, elle quer a transformar, a arrastar para o infinito, divinizando-a, em sublimes aperfeiçoamentos!

E' um principio vital, que não permite ao individuo — sem se desconsiderar aos seus proprios olhos — subtrahir-se á influencia benefica desse dominio, que exige do homem uma adhesão integral aos seus salutaes mandamentos, e isso lhe tortura o coração, quando elle cede aos caprichos da sua fraca natureza, quando não reage ás sollicitações de determinados interesses, quando pratica certos actos menos licitos...

E' uma luz divina essa Eterna Verdade, que desce dos Céos, como sereno juiz a reclamar o cumprimento do dever, e dahi, para tantos, a triste preferencia pelas trevas, onde se manifesta, em illusoria commodidade, o doloroso sacrificio da virtude ao vicio impenitente!

Em sua ignorancia voluntaria, em seu erro inveterado deixam de ver ao lado dessa justiça infallivel a misericordia ineffavel, sempre paciente e sempre prompta a perdoar o arrependimento, e a lhe conceder, um dia, a graça incomparavel da mansão celeste, por um amor extremado e estremo que levou á Cruz o nosso Christo, o nosso Jesus Redemptor!

O MUNICIPIO E A PROFISSÃO ✓

LUIZ DELGADO

Estamos num tempo em que o cuidado da organização do paiz absorve todas as atenções. Uma dolorosa evidencia impôs-se a todos os olhos: o Brasil que vivemos não é tão solido quanto pensavamos que elle fosse. O trabalho feito ao longo de toda a nossa historia apparece um pouco como um trabalho perdido. E' como si não tivéssemos ajudado a natureza, de tal sorte que em nosso organismo não se viesse a constituir nenhum nucleo de consistencia, nenhum ponto de consolidação e de apoio: a engenharia construiu a ponte sobre a areia frouxa, pensando que a terra supportava o peso com a segurança da rocha firme. A' menor maré-cheia da revolução tem-se medo de que vá tudo de agua abaixo.

E' quando começam a surgir, apressados e innumerados, os protestos de salvação. Proliferam os grupos, os partidos, os programmas. A gente se perde no meio dos desenhos de ponte nova para substituir a ponte antiga...

Nenhum observador deve deixar passar esse espectáculo.

Nelle ha muita cousa a reter, seja observação inedita, seja mera confirmação de hypotheses antigas.

E, na frente de tudo, a comprovação de como é ainda precaria a nossa disciplina intellectual. Talvez nunca tivesse apparecido tão á vista o nosso espantoso individualismo de idéas, tão arraigado, tão fundo, como só mesmo poderiam cria-lo o primarismo e o improvisamento de nossa cultura.

Porque uma cousa deve ser preliminarmente reconhecida: si a nossa tão falada realidade nacional é uma só, como não pode deixar de ser, e houvesse della um estudo desinteressado, alguma cousa daquella unidade ficaria visivel nesse estudo. Ora, esse estudo não ha, como caracter de amplitude e de intensidade que permittiria edificar sobre elle uma qualquer politica. E o doloroso engano fundamental de maior numero dos programmas que têm surgido e irão surgindo, é acceitar a existencia delle como um facto indiscutivel, um facto de conclusões certas e definitivas.

Esse engano nasce do primarismo de nossa cultura: ignorando a natureza e a importancia das idéas, pensamos que

qualquer um póde te-las, tantas quantas queira. Confundimos as idéas que recebemos de fóra com as conclusões a que teríamos chegado por conta propria. E é uma sincera contrafacção cujo exame daria igualmente um capitolo de psychologia ou uma satira, porque nada mais objectivo e real para cada cabeça do que o que anda dentro della e que o pobre portador da cabeça não tem um criterio sereno para analysar.

A intensa fabricação contemporanea de programmas de salvação nacional constitue uma actividade que seria offensivo tratar com ironia, mas que seria, por sua vez, prejudicial acceitar com optimismo e devoção. E' com esse puro espirito de critica que devemos indagar, por exemplo, si não resulta de um simples erro de methodo toda essa effervescencia.

Todos esses partidos e grupos, que estão no nascedouro ou na pia baptismal, falam, em regra, de cousas universalissimas: justiça, moralidade, honestidade. . . Não podia deixar de ser assim, porque os principios norteadores da vida social brasileira não podem deixar de ser os mesmos da vida social humana, em qualquer ponto do planeta. O que pode haver, o que certamente haverá de brasileiro nessa vida social, não é o principio, mas a applicação. E' o pequeno detalhe, a adaptação minuciosa, como o fazem em cada typo de locomotiva, por exemplo: as roldanas e os freios realizando um arranjo peculiar de captação de forças que são sempre as mesmas em cada parte do mundo.

A proposito desses principios geraes, será sempre uma confusão invocar-se a realidade brasileira.

Em regra, o que se tem feito entre nós é declarar-se esses principios, dizer-se que a realidade brasileira deve ser attendida e, dessas duas generalizações absolutas, deduzir-se um systema de organização que, pelo menos no papel, dada a plasticidade que o livre-arbitrio outorga ao homem considerado in-abstracto, não offende a realidade e pode ser inteiramente executado. . . Não consistiu em outra cousa o celebre idealismo da Constituição de 1891. Até a invocação da realidade brasileira havia tambem. . . Apenas, como o materialismo economico não tinha o relevo de hoje em dia, falava-se na realidade cultural, na civilização.

O methodo a seguir deveria ser inteiramente outro.

Principios deveriam ser discutidos como principios, isto é: de um ponto de vista universal, compativel com a natureza delles. Deveríamos estudar si, em si mesma, a representação profissional, de que tanto se fala nos tempos tumultuosos que passam, é melhor ou peor que a representação partidaria, na politica. E, assentado esse ponto, deveríamos considerar, então, os elementos que a nacionalidade possui para execução do systema considerado bom. De um lado, a indagação abstracta; do outro, a consideração con-

creta. Mas, nem da consideração concreta de nossa realidade nacional devem ser concluídos os princípios geraes de nossa politica que serão fructos de nossa realidade humana, nem da indagação abstracta de taes princípios pode-se deduzir a organização que devemos ter.

Eu sei que ha nesse assentamento methodologico que ahi fica, um ponto com que se irritarão os relativistas sociologicos: a verificação preliminar da verdade politica. Não vou discuti-lo, mas lembro que essa consideração concreta, de que falei, comporta dois planos: o da indole do povo e o de sua existencia actual. Mesmo porque seria um contrasenso falar em principio *geral* nascido da indole de *um* povo. Cada povo tem a sua indole politica e a possibilidade de executar, aqui e agora, esse ou aquelle systema. Tudo isso é indagação concreta. A sciencia politica implica, porém, a necessidade de uma investigação mais alta que, caiba ou não nos moldes do relativismo sociologico, é indispensavel á actividade humana. E' ahi que se inquire acerca dos principios geraes.

Desconhecer isso é incrementar desillusões como a que nascerá, daqui a pouco, da presente pregação intensiva de representação profissional.

Nenhuma dessas ideas em voga está sendo mais acceita hoje do que ella. E pode haver quem imagine que isso é pílheria, mas examine cuidadosamente e verá: não ha pequeno grupo que não pense que vae dar um deputado e um senador na primeira Constituinte que houver. No dia em que se espalhar na massa brasileira o boato de que representação de classe não obriga a existencia de um delegado de cada grupo de cinco ou seis profissionaes no Parlamento federal, um immenso suspiro de desencanto se ouvirá de novo, de que não era essa a republica profissional dos nossos sonhos... E si o boato fôr o de que cada classe não fica, por isso, na possibilidade de esmagar as outras, a cousa será peor.

Para evitar enganar dessa ordem, não podemos deixar de fazer a indagação abstracta e a consideração concreta, de que tenho falado.

O exame do que seja em si mesma, aqui ou na China, essa representação de classes deixaria logo á vista duas enormes atrapalhações.

A primeira é a referente á sua natureza politica.

Nós estamos numa crise lyrica: o lyrismo da technica. E não acreditamos naquillo que nos estão mostrando incessantemente tanto os livros como a experiencia de alguns de nós: o perigo dos technicos á frente de departamentos autonomos. Taes homens são absorventes. Elles não sabem conciliar o enthusiasmo por sua especialização (enthusiasmo sincero quando se trata mesmo de um tecnico, ou ficticio quando setrata de um cidadão nomeado tecnico improvisa-

damente), — não sabem conciliar esse entusiasmo com os demais interesses collectivos. O tecnico é um exclusivista: o de pedagogia acha que todo o dinheiro publico deve ir para as escolas, o de saude acha que nada mais tem importancia.

Mesmo entre povos de um elevado nivel de educação politica a technica é perigosa. Ha mesmo o exemplo classico da Inglaterra que, durante certo periodo da guerra mundial, resolveu chamar para as pastas militares technicos tirados de fóra do parlamento, de fóra do que entre nós se chamaria pejorativamente o profissionalismo politico. E a experiencia não deu certo.

Por mais que se diga, o politico é um elemento social tão necessario como qualquer outro, ainda que com os defeitos que nenhum outro deixa tambem de ter. Para elogia-los, em linguagem brasileira moderna, pode-se dizer que elles tambem têm a sua technica que é a da conciliação dos interesses particulares, quando não seja a do suscitamento e da defesa dos interesses geraes. Essa ultima parte, mais elevada, mais delicada e mais affirmativa do mistér politico, é mais susceptivel de ser esquecida ou negada. A primeira é mais resistente, embora muitas vezes afunde no lamaçal das accomodações, mas, ainda assim, ella sozinha representa uma actuação á parte, requerendo uma especialização caracteristica e uma vocação propria. E não ha substitui-la por outra technica qualquer: o tecnico é, por definição, um limitado, enquanto que o politico é, por definição, o contrario disso.

Sem duvida, toda a sociologia nascida á sombra do Catholicismo, bem como toda a pratica social nas mesmas condições, estão a affirmar peremptoriamente a necessidade de organização das classes, de todas as classes afim de se fazerem ouvir no governo. Nem era por outra razão que a Idade Media conhecia as corporações agindo no ambito do governo municipal e os Estados geraes agindo no ambito do governo nacional. Por ahi já se vê uma distincção que se fazia e que agora não se está fazendo: a distincção entre os grandes gremios e os pequenos gremios — digamos assim, — fundada não só na importancia dos interesses representados como no proprio valor social dos membros das classes representadas. Nas Camaras, junto ao Rei, representavam-se o Clero, a nobreza e o povo, como na Inglaterra os lordes e o povo. Eram as grandes divisões sociaes das quaes temos uma idéa inteiramente falseada pelos doutrinarismos liberaes: não era certo que o clero e a nobreza só tivessem privilegios ou que o povo só tivesse encargos. Toda a assistencia social que hoje pertence ao governo, pertencia ao clero como aos nobres incumbiam as guerras. E a organização judiciaria, com a consequente distribuição de justiça, era uma tarefa hereditaria que não saia do povo.

Esses grandes grupos representavam-se junto ao Rei. Sapateiros e marceneiros representavam-se junto ao município.

Como nossa doutrinação actual nem ao menos considera essas diferenças essenciaes, não ha syndicato de funileiros ou de vendedores de linguiça que não esteja pensando em ir á Constituinte. . .

E já nem se discute mais si essa nossa apregoada representação profissional que, assim, fazemos passar, sem nenhum exame, do plano profissional puro para o plano politico, do plano de organização interna para o do governo externo, — deve ter funcções deliberativas ou consultivas. Tudo isso fica á margem de nossas doutrinações porque vemos apenas a expressão prodigiosa de alguns syndicatos que querem falar ou cujos votos pretendemos.

Si fossemos além dessa visualidade directa do que está escripto e do que nos roça os olhos, sentiríamos a necessidade de dizer que o essencial é que cada interesse, cada grupo tenha órgãos para falar e meios de se fazer ouvir. Para isso basta organização interna e direito — digamos — de petição. Não é absolutamente necessario que esses órgãos sejam o proprio governo, pois o governo deve ser outro órgão com autonomia bastante para execução de sua tarefa dentro dos limites da moralidade e de uma legalidade preestabelecida. Mesmo porque cada representante de uma classe, eleito por ella para defender os interesses della, terá de exercer em regra uma modificação de toda a sua mentalidade, quando quizer pular a barreira mental, bem precisada e bem definida, de seu interesse, para attingir a compreensão do interesse geral. Cada um que esteja nessas condições verá o mundo atravez da espantosa refração que essa barreira determina.

Taes considerações approximam a segunda atrapalhação que eu tenho notado a respeito desse problema: é a que se refere ao espirito que animará essa representação.

Já na Camara franceza de 1883 o Conde de Mun dizia ser um pensamento de luta o que vivifica os syndicatos contemporaneos. Nós estamos nessa phase, sendo curioso notar que o nosso syndicalismo official dá a impressão de considerar que é esse o unico motivo de existir dos syndicatos. Acrescente-se a isso o nosso temperamento e a nossa falta de sentimento de collaboração, de cooperação. A convicção de luta, o despotismo do humor e o individualismo farão que cada representação de classe discorde systematicamente do que a outra propuzer. A não ser que operarios e patrões se representem conjunctamente como ramo de profissão e não como classe, — será inevitavel esse resultado, a julgar pelo que se tem visto.

E assim fazemos com relação a esse problema, tão importante e tão invocado, o seu estudo theorico: não indaga-

mos si a representação deve ser profissional ou politica, si deve ser para consulta ou para legislação, si nascerá das profissões ou das classes. Não indagamos outras cousas que naturalmente seriam lembradas, si este commentario pudesse ser mais longo.

Falamos em representação. Tentamos os syndicalizados. E imaginamos o systema.

Vale a pena annotar alguns factos característicos da verdadeira existencia dos nucleos onde se arregimentaria essa representação profissional.

Antes de tudo, a população isolada desses municipios do interior é, na mór parte das vezes, excessivamente homogenea. Aqui no nordeste, por exemplo, não se pode dizer que o alto sertão conheça differenças de classe, salvo em algumas cidades mais adeantadas. Toda gente corre os mesmos perigos e tem as mesmas possibilidades de vida. A linguagem é a mesma, o traço é o mesmo. Homens e mulheres pegam no bacamarte quando o cangaceiro se aproxima. Ricos e pobres comem o mesmo comer, nas mesmas horas do dia. O sertanejo que a gente encontra almocrehando, pode ter sua razoavel fortuna, seus cincoenta, sessenta contos de réis em gado ou terras, *de-parte* numa fazenda. E commerciantes e caixeiros, comboieiros e senhores têm as mesmas necessidades, os mesmos cuidados, a mesma mentalidade, — a mesma classe.

Numa sociedade, assim homogenea, não é facil constituir-se um eleitorado dividido em classes. O criterio unico para reunião e divisão dos eleitores ha de ser ainda por muito tempo o de vizinhança, — como se dizia em nosso direito antigo. Tambem a extensão territorial do nosso municipio, obrigando uma subdivisão em districtos, muitas vezes longinquos, não permittiria outro criterio.

Si a divisão profissional do eleitorado é difficil, muito mais difficil é constituir conselhos technicos, camaras profissionais — como suggeriu o Club 3 de Outubro, unico agrupamento que teve a honestidade e a coragem de ventilar esses detalhes perigosos.

Aliás, esse ou qualquer outro governo tecnico ficaria, antes de qualquer outra cousa, sem objecto. O rudimentarismo dos problemas, agitados nesses departamentos publicos, só pode ser calculado por quem tenha passado longo tempo em contacto directo ou indirecto com elles.

Nós temos por todo este enorme Brasil municipios onde cair o portão do cemiterio e a cadeia é um melhoramento importantissimo, perfeitamente digno de figurar no relatório annual do Prefeito... Ninguem, que conheça de perto a vida de alguns municipios do interior, dirá que isto é troça. E uma assembléa de technicos, de especialistas disso ou daquillo, seria desaconselhavel.

A necessidade de pôr elementos technicos á disposição das administrações municipaes, para o bom desempenho de sua tarefa, parece-me que pode ser satisfeita por uma iniciativa posta em pratica aqui em Pernambuco: ao mesmo tempo em que nomeia os prefeitos, em face da desaparição revolucionaria de autonomia municipal, o governo estadual criou uma Commissão de Melhoramentos Municipaes e uma Inspectoria de Municipalidade. Emquanto a primeira proporciona elementos technicos para serviços municipaes de engenharia, saneamento, etc., a outra uniformiza e superintende a administração, sobretudo no que se refere aos orçamentos e á escripta. Assim, aquillo que o municipio não poderia ter por si, á falta de dinheiro ou de gente, fica á sua disposição na capital. Mas elle não póde executar serviços sem a approvação desses conselhos, donde a necessidade de conciliar esse regime, que tem sido optimo, com a autonomia municipal, quando a Constituinte vier. E será louvavel que elle consiga manter-se, sem offender aquelle principio que é, para nós, um imperativo: centralização politica, descentralização administrativa, que o systema aqui adoptado não poderia offender.

A outra questão, que o municipio levanta, é uma questão de pessoal.

O mesmo governo revolucionario pernambucano deu aos juizes togados o encargo de indicar as pessôas que devessem e pudessem ser nomeadas para os cargos de justiça, nos seus municipios. Visava-se com isso a assegurar liberdade de acção aos juizes. E o resultado foi curioso: no interior mais longinquo, para certos cargos, como os de supplentes de juiz nas sédes e escrivães do registro civil nos districtos, ha uma viva difficuldade de nomeação. Não apparecem candidatos...

No primeiro caso, um pouco a timidez intellectual deante dos processos a encaminhar ou dos casos a resolver e, sem duvida, o medo da responsabilidade, das inimizades e dos incommodos que o exercicio da missão de julgar acarreta; no outro caso, a noção da dispensabilidade do registro civil, quando basta o baptismo no nascimento e a *reza-tirada* na hora da morte; em ambos a noção de que a lei é uma cousa desconhecida e grave e, portanto, perigosa — são causas que afastam o sertanejo daquelles cargos de justiça, mesmo quando occupa-os represente para elle uma consideração digna de apreço.

Só uma força fazia o sertanejo vencer o medo dessas cousas: a disciplina partidaria. Quando era o chefe politico que chamava, o sertanejo accedia, porque obedecia ao chefe e porque o chefe saberia garanti-lo contra qualquer inconveniente que surgisse.

Quando é o juiz que chama, o sertanejo lastima não servir ao juiz, tem pena da honraria que perde, mas não acceita a candidatura.

Respeito á lei, em primeiro lugar; ignorancia das leis feitas longe, e difficeis, em cujo meandro não se move bem, em segundo lugar; e, em terceiro, desadequaçãode entre o senso social natural, que seria o despertado pela communi-
dade em que vive, e a funcção social que lhe attribuem,— eis as tres forças que actuariam sobre a mesma mentalidade, quando se tratasse de constituir essa representação de grupos para tratar de interesses que não os interesses restrictos do municipio.

A consideração concreta desses factos me leva a pensar que a reforma a introduzir nas nossas representações deve ser differente conforme os casos: para os municipios, representação fundada nas relações de vizinhança, por divisão districtal do eleitorado, desejavelmente na base do voto familiar. Nos centros que já o permittissem, então, votação tambem profissional. As camaras municipaes, que não teriam nenhum character tecnico, seriam assim escolhidas pelo voto districtal e pelo voto profissional, onde coubessem os dous, e pelo voto por districtos apenas, onde não coubessem.

Já as camaras estaduaes não seriam mais eleitas pelo voto districtal directo. Seria o voto das camaras municipaes e, cumulativamente, o voto das profissões organizadas desde que a sua organização comprehendesse todo o Estado ou a maior parte d'elle e tivesse existencia politica reconhecida segundo condições a estabelecer, — seria esse voto duplo que as elegeria.

Por sua vez, conjunctamente com as grandes profissões de interesse uno e de acção por todo o paiz — como o Exercito, a Marinha, o Clero, — essas camaras estaduaes elegeriam as camaras federaes.

A representação politica estaria ampliada ás profissões, sem se fazer nenhuma violencia de improvisação de classes, de ficção de corporações inexistentes ou de interesses artificiaes, como o serão os criados exclusivamente pela lei, sem base em necessidades intimas e fortes do povo. E a representação profissional, propriamente dita, a organização de classes para defeza de seus interesses, que pode ser feita não só como governo mas perante o governo, iria sendo effectivada sem a pressa nociva que tenta os nossos faceis enthusiasmos.

Só uma questão ficaria ao lado disso: a escolha dos chefes dos executivos.

Não seria o tempo de fundarmos a unidade nacional em outras bases que não essas, precariissimas, da absoluta autonomia estadual e municipal? Não seria tambem o tempo de criarmos verdadeiras escolas praticas de administração?

E' justo que os governos se fundem na participação de todos e na autoridade forte, — dizia S. Thomaz, lembrado por Tristão de Athayde, nas suas conferencias de Minas. Ao lado dessa representação das vozes existentes, por que não atribuímos ao governo do Estado a nomeação dos prefeitos e ao governo central a nomeação dos governadores? Só assim teríamos a unidade da administração: cada poder executivo representava o pensamento central e, ao mesmo tempo, resguardando a descentralização, obedecia aos planos votados nos conselhos locais.

Haveria apenas o sacrificio de nosso autonomismo a fazer. Mas, não será melhor mata-la no berço, antes que ella cresça e nos mate, como o monstro matou Frankenstein, no film recente?

Recife, 1932.

COMO SATURNO, A SOCIEDADE DEVORA SEUS PROPRIOS FILHOS, PELO "DESEMPREGO" ✓

ROBERTO DE MIRANDA JORDÃO

Uma sociedade se organiza para assegurar a vida de todos os seus membros. Se o homem trocou seu estado selvagem pela existencia social foi porque suppôs ficar a sua vida mais garantida na collectividade.

Que vemos, entretanto, nas sociedades modernas? Ellas asseguram a vida do individuo, apenas pela metade. Dão-lhe *policia*, que o preserva dos ladrões, mas não lhe dão o *emprego*, que o preserva da fome.

Fala-se a cada momento em garantia de direitos, mas qual é o primeiro de todos os direitos, senão o de viver? Todavia, só os Estados Unidos têm mais de 13 milhões de desempregados, que não têm o que comer.

Ora, essa situação é uma nova forma de escravidão, porque tira ao homem a independencia, ou peor do que isso, porque vae annullando o individuo e impellindo-o de desalento em desalento ao suicidio. E' um assassinio indirecto. Os escravos, ao menos, tinham garantida a sua subsistencia.

A base de toda Moral é o *dever de amar ao proximo como a si mesmo ou fazer aos outros o que queremos elles nos façam e não fazer aos outros o que não queremos que nos façam*. Esse principio é considerado um *axioma* mesmo pela chamada *moral scientifica*, mesmo pela *moral materialista*. E a *sã politica*, adverte-nos *José Bonifacio*, é filha da *moral* e da *razão*.

Portanto, fóra desse principio nada se construirá de verdadeiro. *A questão de forma de governo, é, como o mesmo nome está dizendo, mera questão de forma*. O essencial é garantir a todos os da comunidade social o direito de viver.

O primeiro bem a fazer ao proximo é conservar-lhe a vida, e isso só se faz com *policia* e *emprego*. Como amar ao proximo, querendo indirectamente a sua morte, concordando com o seu "desemprego", que lhe acarreta a impossibilidade de viver?

Quem quer a causa, quer o effeito. A nova Constituição se pretende ser racional e humana, deve incluir um ou mais dispositivos concernentes á magna questão.

A primeira coisa que uma sociedade que se vae organizar tem a fazer é assegurar a todos o direito de vida. Como? Já dissemos, com *policia e emprego*. Tudo o mais deve vir depois.

A sociedade procede com grande numero de seus membros de uma maneira verdadeiramente interessante: como um individuo que fizesse rondar a casa de outro por uma sentinella para preservar-lhe a vida dos ladrões e mais nada. Ora, não lhe dando emprego, o infeliz iria definhando e acabaria morrendo.

Em vez de pagar pensões aos desempregados (e isso, entre parenthesis se diga, já prova que o governo reconheceu em si o dever de lhes garantir o direito de viver; nem é outro o principio por que me bato aqui); a sociedade faria melhor creando *agencias de empregos*, sustentadas mediante um imposto *justo*, as quaes possuiriam *tabellas* sobre as *aptidões e necessidades* dos desempregados.

LETRAS CATHOLICAS

X

JONATHAS SERRANO

I. Fioretti, de S. FRANCISCO DE ASSIS (traduzidos da edição de A. Cesare — R. Fornaciari, Florença, por Durval de Moraes) Ed. Livraria Catholica, Rio, 1932.

“*I Fioretti*. Floração miraculosa de — “canções de gestos dos cavalleiros *tabulae rotundae*” — Bem os chamou, quem os chamou assim. Canções de gesta de guerreiros-trovadores, armados para a guerra santa do Amor de Deus, pelo mais louco dos loucos da Cruz. Biblia humana, aromada como um cemiterio de rosas, dos que seguiram e seguem o “irmãozinho da Cinza”, o “gonfaloneiro de Christo”.

Tal é o primeiro paragrapho, em transcrição fiel, da Introduccção com que, poeta e crente, o traductor brasileiro se escusa perante os leitores de não haver trasladado a vernaculo o proprio titulo dessas paginas incomparaveis. A humildade todavia não o impede, logo após, de nos revelar o esforço de uma pesquisa vocabular interessante e expressiva: “não quiz apresentar á alma brasileira os *Fioretti* caricaturados em florezinhas, florinhas, florestas, florezitas, floração, florilegio, florula, flósculos...” E bem haja, ainda por isto, o Poeta, que desmente, na sua humildade, reverente mas de bom gosto, a injusta condemnação, proferida no proprio *idioma gentil* contra os miseros *traduttori*, nem sempre *traditori*, louvado seja Deus.

A verdade é que ha vocabulos, assim como phrases, absolutamente intraduziveis na sua plenitude significativa de beleza e emoção. Negam-no apenas os que desconhecem a subtileza ineffavel das associações subconscientes, das synesthesias maravilhosas que Rimbaud, a seu modo, tentou exprimir:

A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu...

E, commovido, o traductor brasileiro prosegue: "*I Fioretti*. Nome intraduzível, que nos chega do passado de tantos seculos, vivificado pelo prestigio do tempo e da Fé, embalsamado pelo perfume das almas dos que renunciaram ao orgulho e á carne, ao dinheiro e á illusão, para acompanhar a santa loucura de um Mendigo".

Fôra, sem duvida, amesquinhá-lo, a esse nome intraduzível, dar-lhe um correspondente diminutivo, adocicado, incolor, ou então guinda-lo ás alturas pedantescas de um vocabulo erudito, com um bafio classico de anthologia.

I Fioretti. . . Feliz inspiração a de conservar o perfume primitivo dessas flores medievaes. "Através de todas as linguas devia passar como um vocabulo unico, que se não vulgarizasse numa semelhança, esse mysteriosamente evocativo *Fioretti*. . ."

Nos paragraphos transcriptos, sente logo o leitor todo o escrupulo de quem procurou, num milagre de fidelidade, não só verter "palavra a palavra quasi" o texto inimitavel, mas sobretudo conservar-lhe o genuino, delicioso sabor.

Só um poeta profundamente impregnado da doçura evangelica, um crente sincero e indifferente ás vaidades ephemeras, lograria conservar o tom ingenuo, e comtudo ás vezes sublime, desse livro singular. Livro para meditação respousada, longe do bulicio infernal das urbes freneticas, que buzina, sibila e atordoam, — só o poderia sentir bem uma alma franciscana, "um trovador arrancado por ti, pae meu São Francisco, aos applausos do mundo para o silencio do teu silencio".

Através dessas linhas, sente logo tambem o leitor que a emoção do artista está vibrante no proprio ritmo interior de cada periodo. E eu diria que essa Introduccão, pareça embora á primeira vista um trecho em prosa, é poesia, quasi toda ella, e da melhor e mais profunda. . .

Aqui mesmo, em Janeiro deste anno, ao começar estas chronicas, assignalava eu os pontos que permittem traçar a curva ascensional de Durval de Moraes, desde *Sombra Fecunda*, através *Lyra Franciscana*, até o *Poema de Anchieta*. Lembrei então a palavra de Jackson, chamando-lhe, com feliz expressão, "um filho espiritual de S. Francisco".

O proprio poeta, já em 1921, experimentava em sua alma, retemperada na fé, "a suave alegria franciscana".

Essa traducção de *I Fioretti*, portanto, é uma consequencia natural de taes premissas psicologicas.

As recentes homenagens a Durval de Moraes vieram provar, mais uma vez, que não vale esconder-se quando ha merito real. Ainda me apraz lembrar o que está á pagina 56 do numero precitado d'A ORDEM: "Durval de Moraes, ge-

nuino poeta e senhor de toda a technica do verso, não poderia, sem desdouro, deixar-se arrastar por estas correntes ephemeras. Devia ter, e tem, a coragem de escrever para o Futuro”.

Na sua *Villa Bethania*, ouvindo á noite a musica atlantica e fitando, lá no fundo e ao alto, o Christo illuminado, o poeta aspira ao supremo encanto. Encanto da paz, na renuncia e na contemplação das eternas verdades. Isto não impediu, nem impedirá que lhe bata á porta a gloria desprezada, e que é bem feminina...

Não terei a estulta impertinencia de repisar o que se tem escripto sobre *I Fioretti*. Leiam-nos, releiam-nos agora nesta edição os que têm a ventura de poder sentir-lhes a belleza subtil. Quero somente aproveitar o ensejo de dar aos meus problematicos dois ou tres leitores impavidos um presente de Natal: um soneto inédito do traductor de *I Fioretti*, que veio com o exemplar offerecido, e é ainda um formoso documento da alma do poeta:

CALMO POENTE

Na cella de um convento franciscano,
Humilde e simples como um passarinho
Cantando... Eis o meu pão, eis o meu vinho:
Pão do Senhor, vinho de Deus, Serrano.

O corpo num saial de aspero panno.
Fronte núa; pés nús... Pobre e sozinho.
A terra, o leito sem colchão nem linho.
... Não carece de mesa um franciscano.

Ceo e mar, sol poente, lua nova...
Enchendo o coração da minha Trova
Nossa Senhora e madre Natureza.

Sorrindo acabaria... mansamente,
Quem viveu cincoenta annos descontente
A procurar nas cousas a Belleza.

ODYLO COSTA, filho, — *Seleta Cristã*
—Rio de Janeiro, Livraria Catholica—1932

Nas *Palavras de Introdução* diz-nos o Autor: “Esta *Seleta* não é resultado de paciente trabalho e continuo esforço, é apenas a coordenação de algumas poesias, umas perdidas em livros e outras conhecidas por todos, celebrando a gloria de Deus e a vida dos bons”.

Desde a folha de rosto, aliás, a prudencia do compilador se foi precatando contra possiveis ataques da critica maledivolente: "Odylo Costa, filho. Coligiu os versos alheios desta *Selecta Cristã*". (sic) E' original e é honesto. Ninguem, todavia, de boa fé lhe faria a censura injusta daquelle verso ferino, em que se chamava ao paciente selector dos trechos de uma anthologia de *autor de um livro que já tinha autores*...

O que se pode increpar, antes de qualquer outra coisa, ao sr. Odylo Costa é o qualificativo dado á sua *Selecta*. Por que *Cristã*? Porque ahi so figurem poetas christãos, exclusivamente? Basta um relancear de olhos pelos indices parciaes, ou pelo indice geral, para uma surpresa que destroe a hypothese: ahi figuram, ao lado de D. Aquino, Affonso Celso, Auta de Souza, Durval de Moraes, por exemplo, entre contemporaneos, ou Anchieta, Santa Rita Durão entre os antigos (para não citar S. Francisco de Assis e Santa Teresa, traduzidos) — em estranho convivio, Humberto de Campos, Gilka Machado e Joaquim Ribeiro. Este ultimo, em artigo de louvor á obra, mostrou-se elle proprio admirado e repetiu, com sinceridade apreciavel, que não se julga, nem jamais foi poeta christão. Bem sei que o Autor, com a prudencia que já lhe sublinhámos, a pagina 199, se excusa da inclusão com intelligencia e, porventura, discreta intenção apologetica: "Aos 24 annos... nunca pode o homem, que nasceu na religião, completar o cyclo completo (sic) que vai do atheismo á fé" E como feliz observação: "os versos *Tabu* vêem em cada montanha a saudade de uma cruz. Como as montanhas, tambem as intelligencias anseiam".

De Humberto de Campos diz com exacção que o "sentimento catholico, que faz parte do sentimento brasileiro, está todo" no soneto inspirado no *Milagre de Guaxenduba*. O proprio autor do soneto, em chronica literaria do *O Jornal*, em 1931, declarava textualmente: "Eu tenho confessado, mais de uma vez, a minha admiração pelos homens que professam uma fé religiosa". "Mas todo o artigo deixava nitida a attitude agnostica".

Quanto á grande poetisa que é, sem contestação possivel, Gilka Machado, não ha como disfarçar-lhe nas admiraveis estrophes o fogo pagão que lhe arde nas veias. E na propria poesia de pagina 192 as duas linhas finaes são o que ha de menos christão:

*Como devo expiar este meu crime immenso
de te haver legado o grande mal da vida?*

Ainda outros poetas poderiamos citar que figuram na *Selecta* sem credenciaes crhistãs, embora alguns sejam realmente artistas de inspiração religiosa.

"Ver-se-á, neste livro, como os nossos poetas creram". E' certo, mas nem sempre cristanmente. No mesmo Christo

“ora o filho de Deus feito homem, ora as maiores paginas de belleza humana, que a historia já teve”. Mas a segunda, sem a primeira alternativa, não é christã. A’s vezes prepara-a: Pedro Barreto Galvão foi da admiração, quasi adoração, pela humanidade de Jesus, á fé humilde, e *christã*, na sua divindade. Renan, porém, e quantos outros, infelizmente, têm marchado para trás.

Diz o autor da *Selecta*, classificando a sua propria obra: “E’ este, assim, um livro humano, no magnifico sentido”. E’ exacto. E’ até altamente apologetico, em certo modo (*anima naturaliter christiana*). E’ eminentemente brasileiro: “a Cruz grifou toda a nossa evolução”.

Apesar de tudo o titulo não é, em rigor, acceitavel. Christão não é apenas *religioso*, de religiosidade mais ou menos vaga. O qualificativo deve corresponder aqui a dupla realidade, subjectiva e objectiva. Nem, *christanmente*, poderíamos emprestar-lhe uma latitude theosophica.

Acha o autor que os nossos poetas não possuem unidade espiritual, salvo algumas excepções; e assim mesmo é com prejuizo: exgottam-se “numa unilateralidade de orthodoxia que expulsa a beleza dos seus versos”... Não sei a quem se applicará bem a sentença. Será culpa da falta de inspiração, não da orthodoxia: demonstra-o logo em exemplo maximo a *Divina Comedia*, inspirada nas doutrinas do Doutor Angelico e a tal ponto que já se tem citado o Altissimo Poeta entre os grandes Escolasticos.

Tambem a divisão geral dos assumptos é arbitraria: *Idea de Deus, Christo, Cyclo de Nossa Senhora, Patria, Christandade*. Vê-se que o Autor, ainda aqui, procura fugir á trivialidade habitual das anthologias. Ha, porém, escolha puramente accidental dos trechos: poetas de um dos subtitulos poderiam figurar (e ás vezes com vantagem) noutro ou noutros.

“O seu colecionador não se quer justificar com a pressa ou com a inexperiencia da sua mocidade...” Muito bem: permitta-nos portanto chamar-lhe a attenção para o engano, do primeiro indice parcial, repetido no indice geral do fim do volume: o *Cantico do Sol* está attribuido a S. Francisco Xavier.

O autor, cheio de tão justo entusiasmo relativamente a Tasso da Silveira e Francisco Karam, pareceu-nos menos feliz no julgar Durval de Moraes, embora reconheça que elle “iniciou, no Brasil de hoje, a poesia nitidamente religiosa”. Acha que as suas paisagens são medievaes, simplistas. Será (não cremos) que só lhe tenha examinado bem a *Lyra Franciscana*?

Com o seu “Poema de Santa Teresa de Jesus”, no fim do volume, o sr. Odylo Costa revela a sua preferencia pelas

novas correntes estheticas, não obstante o tributo pago á rima rica e rebuscada até (*anemonas e argemonas*). Vê-se bem que é moço, e por isto mesmo não hesita, por vezes, em proferir juizos de ultima instancia. E é afinal, o mais invejavel na mocidade: esta confiança segurissima em si mesma.

Todas as ressalvas feitas não impedem reconhecer e proclamar que a *Seleta Cristã* é um livro composto com intelligencia, originalidade (compativel com o genero), elevado intuito artistico e religioso. As breves notas criticas revelam um espirito alerta, capaz de discernir, posto que ainda sujeito ás suggestões mais fortes do momento e, acaso, da sympathia pessoal. E' um volume que se lê sem esforço, com prazer, e constitue, no genero, uma primeira tentativa digna de estimulo.

CHRONICA FEMININA ✓

O PERIGO DO FEMINISMO

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Já vai longe o tempo em que se podia indagar se as mulheres deviam ou não tomar parte na vida politica. Não tanto cronologicamente — são de hontem os debates — mas moralmente. As modificações profundas sulcam repentinamente os periodos, cavam distancias formidaveis, intransponiveis, entre o passado e o presente. Assim a das mulheres, entre nós. Hoje não têm mais cabimento as discussões em torno de um assunto do qual, até ha bem pouco tempo, não cogitava a grande maioria das interessadas. Estamos deante de um fato consumado, iniludivel. Com a conquista do voto, o feminismo venceu em toda linha; e a sua vitoria irá cada vez mais repercutindo sobre a existencia das mulheres. Festejando o fato com arrogancia de vencedoras, ou vendo nele, sobretudo, um austero dever, temos de aceita-lo. E de nos integrar na vida politica da nação.

Como a cada direito corresponde sempre uma obrigação, á mulher ganhou principalmente novos encargos, aos quais não póde, não deve fugir. E não fugirá. Ha, no fundo da alma feminina, talvez pela obscura e trabalhosa posição que sempre foi a sua, uma nitida consciencia do dever. Longos seculos de dedicacão, de paciencia, de humildes labores e ignorados heroismos, de existencia de mães de familia, em suma, o que resume tudo, disciplinaram-na e lhe deram uma clara e simples compreensão de sua missão. Basta voltar os olhos para traz, olhar para a nossa historia — não a dos compendios, mas a historia sem historias, a da lenta formação da nacionalidade — para vêr de que são capazes as mulheres. Foram elas, foi a sua fé um pouco ingenua, foi a sua honestidade muito pura, que deram ao Brasil o unico cunho realmente forte que tem—a sua robusta organização familiar.

Mas hoje já não podemos ser somente mães de família, não podemos imitar em tudo as nossas admiraveis avós. Para *servir* com eficacia é imprecindivel faze-lo de acordo com a epoca. A vida moderna está a exigir a colaboração feminina. E a esperar muito dela. O movimento feminista que

agitou todo o mundo civilizado não póde ser atribuido apenas ás reclamações de algumas descontentes que não se queriam resignar — ou alçar... — a serem apenas mães de familia. Obedece a causas muita mais profundas, e mais justas.

A sociedade organizada e dirigida exclusivamente por homens tinha de se resentir dos defeitos que a luta pela vida imprimiu á mentalidade masculina. Foi cada vez se fazendo mais dura, mais aspera, mais tensa. Eriçam-na os embates das ambições, asfixiam-na as angustias das emulações. E os odios sobrevêm, e a inquietação, e as guerras.

Ora, estava se tornando por demais desconfortavel, quasi irrespiravel a atmosfera do mundo. Foi então que o anseio surgiu pela participação da mulher. Ela entrou como um elemento moderador, de doçura, que trouxesse para a vida de fóra o suave ambiente do lar.

Mas o perigo é justamente que ela não o consiga. Que seja a mais fraca. Que se deixe contaminar. Que ao roçar dos interesses soltos, se lhe polúa o desinteresse. Que perca o equilibrio moral, ritmando-se e se guiando tambem pelas paixões.

Ainda agora não se alvitrou o seu aproveitamento para o serviço militar? Idéa lançada ligeiramente, a que sem duvida o seu autor não ligou maior importancia. Mas representa um grave indicio. Não tentarão os homens amoldar ao seu feitio a companheira?

Aproveitar a mulher para preparar a guerra, embora como enfermeira, é desvirtuar o seu papel. Que se preste quando se desencadeia a tormenta, nada mais natural. Mas, em paz, educa-la para a guerra, familiariza-la com essa perspectiva, é quasi um crime. Pelo menos uma imprudencia de incalculaveis consequencias. Nada corrompe e desmoraliza como o habito. Por isso é mister conservar carinhosamente o seu horror ás armas. Mais primitiva do que o homem, porque menos intelectualizada, ela será um monstro no dia em que se lhe despertarem os apetites de violencia. Convulsio-nará ainda mais o mundo.

Todo o cuidado é pouco para mante-la serena, fiel a si mesma, ao seu passado de abnegação e de sacrificios. Porque só assim terá um sentido a sua evolução, só assim não trairá a sua altissima missão social, de pacificação. De construir a paz das nações com a paz dos espiritos, criando nos filhos o instinto da paz, criando na sociedade a paz dos instintos.

CHRONICA POLITICA ^x

(De 16 de Outubro a 15 de Novembro)

H. SOBRAL PINTO

Caminhamos, evidentemente, para o desconhecido. Chegamos ao fim de uma *época*. As sociedades contemporaneas estão vivendo, nestes dias tragicos, momentos de agonia enlouquecedora. Os principios, sob cujo influxo os dirigentes haviam erguido o edificio grandioso das instituições sociaes, perderam para a grande massa das populações o prestigio da sua immensa autoridade. Tudo vacilla. O homem moderno perdeu, por completo, a fé no absoluto. Todas as cousas são postas em duvida. Desde as verdades religiosas até ás verdades scientificas. A *relatividade* invadiu todos os dominios. A contradicção, ameaçadora e intolerante, investe de todos os lados contra qualquer esforço da razão, que se oriente no sentido de formular conceitos fixos, que sirvam de base normativa á actividade pratica da creatura humana.

Essa instabilidade, allucinante, de conceitos, de propositos, e de meios de actuação, que caracteriza a mentalidade do homem moderno, justifica o ponto de vista, em que se collocou Berdiaeff (UN NOUVEAU MOYEN-AGE, pags. 89-90), ao contemplar o tumulto cahotico das aspirações dos povos contemporaneos: "Na historia, como na natureza, existe um rithmo, uma successão rithmica de épocas e de periodos, uma alternativa de tipos diversos de cultura, de fluxo e de refluxo, de exaltações e de abatimentos. A periodicidade e o rithmo são proprios de toda vida. Póde-se falar de épocas organicas e de épocas criticas, de épocas diurnas e nocturnas, *sagradas e seculares*. Foi-nos dado viver, historicamente, num tempo de transição. O velho mundo, se se póde assim dizer, dos tempos modernos — que por um habito não menos velho são ainda chamados tempos modernos, quando elles estão integralmente caducos, — toca o seu fim e se decompõe. E eis que começa a nascer um mundo novo, um mundo desconhecido. E' singular o verificar que este fim de um velho mundo e este nascimento de um mundo novo apparecem simultaneamente a uns como uma *revolução*, a outros como uma *reacção*. E' que a revolução e a reacção de tal modo se mesclaram que não se distingue mais, com precisão, um do outro, estes dois termos. Convimos que nossa época é o fim dos tempos modernos e o começo de uma nova Idade-Média. Certamente, eu não pretendo predizer a marcha exacta que seguirá a historia: eu quereria somente tentar indicar os traços e as tendencias que formarão o aspecto renovado da sociedade e da cultura".

A confusão das idéas, o choque dos interesses, a revolta dos espiritos, phenomenos esses que caracterizam, de modo impressionante, a vida das sociedades modernas, mostram que a intelligencia humana já não tem, nos diferentes dominios da sua actividade, nenhuma padrão capaz de tendo predizer a marcha exacta que seguirá a historia: eu quereria somente aferir, com firmeza e segurança, os valores spirituaes, moraes e materiaes, que, a todo o momento, a ella se apresentam para serem escolhidos.

Nada disto escapou á penetração do grande pensador russo, que enxergou, com a agudeza da sua visão prophetica, as verdadeiras causas desses phenomenos perturbadores (Ibid., pag. 91): "Os principios espi-

rituaes dos tempos modernos estão usados, suas forças spirituaes exgotadas. O dia racionalista da historia passada cáe, o seu astro declina, eis o crepusculo: nós nos approximamos da noite. Os meios de investigação que convinham á natureza solar do dia não poderiam ser, presentemente de nenhuma utilidade para desvendar os acontecimentos e os phenomenos que se prendem a esta hora de noite historica. Todos os signos, todas as provas, que demonstram que saímos de uma éra diurna para entrar numa éra nocturna, estão ahí. Os homens de intuição o presentiam”.

Poucos paizes, na hora actual, poderão, como o Brasil, sentir a verdade profunda destas affirmações.

Nada, entre nós, está de pé. O furacão revolucionario, que se vinha formando, desde muitos annos, no curso da nossa vida republicana, no seio de todas as nossas camadas sociaes, caiu, em Outubro de 1930, furibundo e incoercivel, sobre o edificio das nossas instituições sociaes, que, sob a acção dessa força destruidora, se vê ameaçado de total ruina até a profundeza mesma dos seus alicerces.

Não nos cabe indagar, em presença desta catastrophe, quaes os responsaveis pelo estado de anarchia generalizada em que se viu mergulhada a Nação, de Outubro de 1930 para cá.

Aos homens que acreditam na realidade do *espírito*, — considerado como participação da propria essencia divina — uma tal investigação já não interessa, porque esteril. O que lhes importa, antes de tudo, é elevantar-se acima das contingencias amargas do momento, para que lhes seja possível attingir essa sublime compreensão dos acontecimentos de que nos fala Berdiaeff (Ibid., pags. 177-178): “Quando uma revolução estorou no destino de um povo, quando essa desgraça o feriu, só ha que se inclinar deante do facto, como se elle fosse obra da Providencia, acceitando-o do mesmo modo que todos os soffrimentos, todas as desgraças da vida, e todas as grandes provaações; resistir, com todas as suas forças spirituaes ás tentações da revolução, permanecer fiel ao que vos é sagrado, descer as velas para as catacumbas, e supportar esta desgraça; mas, clareando-a á luz do sentimento religioso, e tomando-a como a expiação de uma falta; auxiliar e sustentar as correntes de vida, as formações positivas, a través das quaes a revolução evolve para o seu contrario, para a criação authentica. Moralmente, é falso suppôr que a fonte do mal está fóra de si mesmo, e que se é um vaso de santidade que conserva o bem. E’ sobre taes disposição que germina o fanatismo odioso e cruel. E’ tão falso o accusar de todo o mal os judeus, os francomaçons, os intellectuaes, como o responsabilizar por tudo os crimes da burguesia, da nobreza e dos poderes antigos. Não, a fonte do mal se encontra tambem em mim, e eu devo reivindicar a minha parte nas faltas e nas responsabilidades”.

Cessem, portanto, revolucionarios de 1930 e legalistas do antigo regime, partidarios da reconstitucionalização do paiz, e preconizadores da dictadura prolongada, de lançar em rosto uns dos outros a culpa exclusiva dos attentados, de todo o genero, que, nestes ultimos annos, o poder publico, os partidos dirigentes, e as classes sociaes vêm praticando contra os altos interesses da nação e os sagrados deveres da nossa consciencia civica.

Todos somos culpados. Os crimes da hora actual são a consequencia logica e necessaria dos crimes das horas passadas. Dirigentes do presente e dirigentes do passado; governados de hoje e governados de hontem, todos, sem excepção, somos culpados, e concorreremos, pela traição aos nossos deveres de estado, para esta flagellação collectiva, que é toda revolução. “Não se poderia tratar a revolução de uma maneira exterior”, — exclama constricto, o grande pensador moscovita — “E’ inadmissivel que se queira nella ver um facto empirico, sem nenhuma ligação com a *minha* vida espiritual, com o *meu* destino. Se o homem permanece nesta attitude exterior, elle não póde senão estourar de raiva impotente. A revolução occorreu não somente fóra de mim e acima de mim, tal como um facto incommensuravel com o sentido da minha vida, isto é, privado para mim de toda significação; ella occorreu igualmente commigo, como um

acontecimento interior da minha vida. O bolchevismo tomou vulto na Russia, e elle venceu, porque eu sou o que sou, porque não havia em mim força espiritual real, — esta força da fé capaz de remover montanhas. O bolchevismo é o meu peccado, a minha falta. E' uma provação que me foi infringida. Os soffrimentos que me causarem o bolchevismo são a expiação de minha falta, de meu peccado, de nossa falta commum e de nosso peccado commum. **TODOS SÃO RESPONSÁVEIS POR TODOS**" (Ibid. pags. 186-187).

Não podem ser, assim, acceitas sem protesto estas palavras, enaltecedoras de São Paulo, e injuriosas ao resto do Brasil, escriptas, sem outra justificativa que não a da exaltação, pelo sr. Menotti del Picchia (A REVOLUÇÃO PAULISTA, pags. 18-19): "A dictadura, é de facto, o melhor, talvez o unção regimen que convem ao resto do Brasil. Não basta a prova material do acerto dada pela sanha com que o Norte desceu das suas ensolaradas caatingas, enriquecidas suas hostes por um voluntariado consciente e selecto; o ardor que pôs o Sul em desattender á voz de Borges de Medeiros, Raul Pilla e de João Neves, para, num tropel aguerrido, largar os pampas a fogosa cavallaria gaucha rumo a Itararé; a volupia com que o mineiro desceu as escarpas das suas montanhas, para, num conjuncto harmonico de consciencias afins, marchar com os outros contra os bandeirantes que pediam ingenuamente a lei para todo o Brasil.

O RASGO DA CULTURA PAULISTA EVIDENTEMENTE PERTURBAVA O BEM ESTAR DAS POPULAÇÕES QUE SENTIAM NECESSIDADE DE UM REGIMEN DE COMPRESSÃO E DE FORÇA para se amalgamarem num novo espirito de grupo. As franquias politicas em varios seculos de regimen constitucional não haviam feito mais que crear entre ellas feitorias sectarias surgidas de manhosos manejos eleitoraes. A liberdade não é somente um bem, mas um perigo. Nas mãos dos mais habeis póde tornar-se uma arma de dominação e de escravidão. UMA SERVIDÃO COLLECTIVA NÃO REPUGNA AOS POVOS POBRES. UMA USURPAÇÃO DE PODER, DE PARTE DOS MAIS HABEIS OU MELHOR APPARELHADOS, QUANDO UMA LEI LIBERAL TORNA O EXERCICIO DO PODER UMA FUNÇÃO FACULTATIVA ÁS CAPACIDADES, HUMILHA, principalmente, quando derivada, por atutos simulacros legaes, para as formulas repugnantes das oligarchias".

Como deixar de impugnar, em nome da cultura brasileira, e do sentimento christão do nosso povo, esta distincção injusta e odienta de Estado civilizado que seria São Paulo, e Estados semi-barbaros, que seriam todos os outros, feita, com tamanha imprudencia e leviandade pelo illustre publicista paulista, que continua, mais adiante, a sustentar (Ibid. pag. 21): "S. Paulo teve a illusão de que, dando ao resto do Brasil a lei, coisa supremamente ASPIRADA PELAS SOCIEDADES CULTAS E POLICIADAS — CORRESPONDERIA A UM ANCEIO NACIONAL. De que se enganou mostraram-lhe claramente o ardor com que se bateram as forças da dictadura, a coalisção das demais unidades federativas, o numero de canhões que se postaram nas suas fronteiras e de aviões que arrasaram as suas inermes cidades. O SONHO GENEROSO DE UM POVO CULTO E ALTAMENTE PATRIOTA SE TORNOU, CONTRA SUA VONTADE, NUMA AGGRESSÃO CONTRA OS QUE MORDORAVAM SATISFEITOS, SEM MAIS OS COMPLICADOS PROBLEMAS QUE DECORRIAM DE UMA CARTA MAGNA MUITO SABIA, talhada pelos genios da raça para UM POVO QUE ESTAVA AINDA EM PHASES SOCIAES PRIMARIAS, incapazes de se servirem da inutilidade retorica que era a sua fulgurante e adiantadissima constituição".

Como, em face deste orgulho petulante, deixar de repetir á gente paulista estas expressões causticantes de Berdiaeff (Ibid., pag. 187): "Que as *direitas* não tomem mais, portanto, este ar innocente, sufficiente, e indignado. Graves são os seus peccados, e ellas devem soffrer uma penitencia severa. E' preciso viver a revolução dignamente, com uma grande força moral, até o fim, como uma desgraça enviada por Deus. Será salvo aquelle que a supportar até o fim".

São explosões de despeito desarrazoado, como essas do sr. Menotti del Picchia, que autorizam revolucionarios sectarios e mediocres do quila-

te do General Manoel Rabello (Entrevista ao CORREIO DA MANHÃ, de 18 de Outubro) a afirmar que "A revolução de São Paulo não é mais do que o alvorecer da lucta de classes, que accesa ha muitos annos em todo o mundo, só agora, como já succedeu com a abolição, lança os seus primeiros lampejos nos horizontes patrios. Mas a massa soffredora de brasileiros será amparada firmemente pelos revolucionarios de 30. O progresso social do Brasil assim o exige. A abolição no Brasil levou 70 annos de lutas, — quantos annos teremos de lutar para libertar o povo da oppressão do factor economico, privilegio de uma infima minoria?"

Para esse General do exercito brasileiro, o grande movimento paulista, de que participou, na sua quasi unanimidade, a gente bandeirante é mero reflexo, em terras brasileiras, da lei marxista da lucta de classes.

A revolução paulista, assim, foi, segundo o ponto de vista desse militar, esforço herculeo da politica dos industriaes e fazendeiros de São Paulo, desejosos de restabelecer, pela força das armas, o seu predomínio sobre as massas brasileiras, já exgotadas, no seu trabalho, pela maldade deshumana desses ricos egoistas. Que não ha nenhum exaggero da nossa parte em fazer semelhante affirmação, mostra-o, inequivocamente, este trecho da entrevista do já mencionado General (Ibid.): "E' nisto que está o verdadeiro terror dos plutocratas nacionaes assanhados contra os revolucionarios de 30, o verdadeiro motivo da revolução da plutocracia paulista: 'Combatamos, gritam elles, como os lordes na Inglaterra, contra o triumpho do "trabalhismo", — o "communismo". Defendamos com a vida a nossa hegemonia de classe. Viva a Constituição de 91, ou as suas assemelhadas !...'"

Singular explicação esta: plutocracia paulista contra proletario nacional! Mas, onde, como, e quando esse proletariado nacional se organizou e se constituiu em forças regulares para marchar contra os revolucionarios paulistas?

O que toda a Nação assistiu, cruciada e atormentada, foi a lucta de forças do Exercito, da guarnição da 2.^a Região Militar, alliadas á Força Publica paulista, e aos voluntarios bandeirantes, contra as demais forças do Exercito Nacional, auxiliadas pelos batalhões policiaes de todos os restantes Estados do paiz. Animava aos primeiros o proposito de defender o governo paulista, que pleiteava a reconstitucionaliação imediata da Nação. Dispunham-se os segundos a sustentar a dictadura do Sr. Getulio Vargas, que encarnava, segundo diziam, os até hoje mal definidos ideaes da Revolução de 1930.

Emquanto esses dois grupos se duellavam, em pleno campo raso, ou em montanhas escarpadas, numa lucta de morte, não houve, em parte alguma do territorio nacional, — se exceptuarmos São Paulo, onde, na realidade, o povo commungou, em todos os momentos, com os propósitos do seu governo — qualquer facto que autorise quem quer que seja a sustentar que as massas brasileiras julgavam que, nessa lucta de irmãos, estivessem sendo jogados os seus destinos, ou os seus direitos.

Nunca se mostraram tão opportunas a uma situação, como está a acontecer com o modo pelo qual o General Manoel Rabello explica a Revolução paulista, estas expressões sensatas e persuasivas de Veale (LE-REGNE DE LENINE, pag. 162): "Póde-se notar, com excepção de Kalénine, que era filho de campones, que TODOS OS CHEFES BOLCHEVISTAS ERAM DE FAMILIAS RICAS OU DA CLASSE MEDIA. A ASSIM CHAMADA REVOLUÇÃO PROLETARIA FOI DIRIGIDA NÃO POR MEMBROS DO PROLETARIADO, MAS POR MEMBROS DESVIADOS DE CLASSES MAIS INSTRUIDAS".

Muito mais perto da realidade tem estado o General Góes Monteiro. Espirito muito mais lucido, e alheio a preconceitos sectarios, o ex-comandante do sector Leste, em entrevista dada ao DIARIO DE NOTICIAS (20 de Outubro), definiu, com objectividade bem maior, a verdadeira natureza do levante de São Paulo: "O movimento paulista foi o desaguardo natural das divergencias post-revolucionarias. Os erros politicos

da dictadura, ao par de factores economicos de grande significação, prepararam o ambiente para a rebellião que empolgou todo o povo paulista, deslumbrando, ao mesmo tempo, a parcella de opinião nacional descontente com a politica do Governo Provisorio”.

A guerra civil, de que São Paulo foi o principal theatro, era inevitavel. As leis, que regulam os factos sociaes, faziam prever, desde muito, esse tragico acontecimento. Victoriosa a revolução de Outubro de 1930, os triumphadores dirigiram o seu principal esforço destruidor contra a organização paulista. A reacção não podia deixar de surgir. “No curso de uma revolução”, — doutrina Berdiaeff — “as guerras civis, onde um grande heroismo e muita abnegação deverão ser expendidos, não poderão ser evitadas” (Ibid., pag. 178).

O levante da gente paulista estava, assim, dentro da logica necessaria dos acontecimentos. Desde que a dictadura do sr. Getulio Vargas tomou o cunho de movimento contrario á hegemonia da politica paulista no seio da administração federal, a guerra civil, com São Paulo, á frente, era fatalidade irremovivel.

Entretanto, os que vinham acompanhando, com curiosidade inquieta, o desenrolar dos acontecimentos politicos, de que a vida publica nacional vem sendo theatro dramatico, ha mais de tres annos, nutriam poucas esperanças acerca da victoria do movimento paulista, porque, segundo a lição de Berdiaeff (Ibid., pag. 178) “nunca uma guerra civil porá fim a uma revolução, nem deslindará a tragedia de uma revolução. As guerras civis pertencem inteiramente ao elemento irracional da revolução, ellas permanecem no dominio da desagregação revolucionaria e a augmentam. As guerras civis, entre exercitos revolucionarios e contra-revolucionarios, são, em geral, a luta das forças revolucionarias contra as forças anteriores da revolução, precisamente as forças attingidas pela revolução”.

Dentro dessa philosophia social, que tem a sua base na experiencia historica dos povos, não era possivel que a victoria, nessa luta armada, viesse a caber a São Paulo. Este vinha preparando, ha mezes, reacção inquestionavelmente contra-recoluvionaria. Apreciando os acontecimentos, que estavam se desenrolando no scenario politico paulista, dissemos nós, a proposito da agitação de 23 de Maio, de que resultou a tomada do poder pelos elementos da “frente unica”: “Qual a significação, que se dee via emprestar a esse movimento? — Se os antecedentes, conhecidos do toda a Nação, não fossem sufficientes, só por si, para lhe imprimir um cunho de contra-revolução ao movimento de Outubro, impossivel seria desconhecer-se-lhe essa natureza depois que os jornaes desta Capital (O GLOBO, de 24 de Maio), publicaram a seguinte nota do sr. Capitão Chefe de Policia desta cidade: “Foi nomeado Commandante da 2.^a Região Militar o General Manoel Rabello que embarcou esta madrugada para São Paulo, afim de assumir aquella chefia.

Elementos do P. R. P. fizeram hontem manifestação de hostilidades ao Sr. Ministro Oswaldo Aranha e ao Governo Provisorio.

A cidade de São Paulo, que já se encontra em calma, está sendo policiada pela tropa federal.

A Força Publica se acha toda aquartelada, aguardando ordens do Governo Provisorio.

Os Generaes Góes Monteiro, Miguel Costa e Manoel Rabello, em frente unica, solidarizaram-se com o Governo Provisorio, que vae tomar, nos ultimos acontecimentos da capital paulista, as providencias que o caso requer”.

Era evidente, assim, o proposito do Governo Provisorio, revelado pelos seus representantes aqui nesta Capital, de modiifcar, pelo emprego da força federal, o Secretariado paulista, que se empossara á sombra da opinião publica de São Paulo, exaltada e enfurecida”. (A ORDEM anno XII, n.º 29, Julho de 1932, pags. 47-48).

Se a victoria ficasse, pois, nas mãos das forças paulistas, os dirigentes do novo movimento victorioso esforçar-se-iam em restaurar, com a Con-

stituição de 1891, toda aquella ordem de cousas que a revolução de Outubro fizera desaparecer.

A Revolução de Outubro precisa ser vencida. Ninguém ha, entre os homens de bom senso comprovado, que negue essa necessidade.

Isto, porém, ha-de ser a obra do tempo, e de energias novas, que somente agora começaram a se despertar no amago da nacionalidade. Seria immensa desgraça para o paiz que este saísse da anarchia, em que se acha mergulhado, pelo esforço dos elementos, conjugados, do antigo regimen. “A experiencia da historia, e a nossa propria experiencia moral”, — observa, com profundeza, Berdiaeff (Ibid., pag. 180) — “nos ensinam, assim, que as revoluções não podem ser vencidas senão por forças post-revolucionarias, por elementos differentes não só daquelles que dominavam antes da revolução, como daquelles que dominam durante a revolução. Tudo o que é pre-revolucionario não é, com effeito, senão um dos elementos internos da propria revolução, da decomposição revolucionaria. O PRE-REVOLUCIONARIO E O REVOLUCIONARIO NÃO SÃO SENÃO A MESMA ENTIDADE TOMADA EM MOMENTOS DIFFERENTES. A REVOLUÇÃO É O ANTIGO REGIMEN NA ULTIMA PHASE DA SUA DECOMPOSIÇÃO”.

O movimento da gente bandeirante, revelando a equivalencia dos elementos revolucionarios e legalistas, teve, incontestavelmente, a vantagem de forçar o espirito publico a melhor se definir, sahindo daquelle estado cahotico, em que se encontrava, antes da reacção paulista.

A luta aspera das armas, apezar do seu cortejo de desgraças, valeu, ao menos, para chamar á razão muitos dos nossos dirigentes, que começaram a sentir, só então, que muita cousa já estava mudada no paiz, havendo, por toda a parte, um anseio irreprimivel de ordem e de estabilidade.

Mal cessou a voz dos canhões, surgiram de varios recantos do paiz declarações formaes, ora de personalidades de prestigio no meio revolucionario, ora de aggremações profissionaes ou politicas, todas no sentido de encarecer a necessidade de se organizar a opinião publica da nacionalidade em quadros partidarios fixos e definidos.

E' assim que o “MINAS GERAES” publicava, em começo de Novembro, sob o titulo “Politica mineira”, uma nota, onde dizia (O GLOBO, 2.^a edição, 4 de Novembro): “Havendo alguns membros da Comissão Executiva do Partido Social Nacionalista communicado ao dr. Olegario Maciel o proposito de renunciar os seus mandatos na alludida Comissão, o presidente de Minas manifestou-lhes o desejo de que acceitassem estes dous alvitres: ou promovessem a reorganização do Partido Social Nacionalista, ou estudassemo possibilidade de fazer-se em Minas uma nova organização partidaria, convocando, opportunamente, uma grande assembléa de representantes de politicos municipaes para definir-se a esse respeito.

A organi ação partidaria, que se projecta levar a effeito, tem o objectivo de se incorporar a um partido nacional que se está organizando com os elementos revolucionarios que apoiam o Governo Provisorio, sob a orientação ideologica delle.

Nesse sentido, além dos membros da Comissão Executiva do Partido Social Nacionalista, que permaneceram identificados com a orientação politica do presidente Getulio Vargas, e do presidente Olegario Maciel, foram convidados para participarem desse trabalho de reorganização partidaria, diversos elementos de prestigio politico no Estado, entre os quaes os srs. Ministro Afranio de Mello Franco, drs. Adelio Dias Maciel, Octacilio Negrão de Lima e Coronel Idalino Ribeiro, os quaes acquiesceram em congregar-se em torno da pessoa do presidente mineiro, emprestando-lhe todo o apoio e envidando esforços para que se consiga a organização projectada”.

Dias depois, em entrevista a A BATALHA (12 de Novembro), desta Capital, o sr. Virgilio de Mello Franco esclarecia, de maneira, a mais positiva, este assumpto da formação dos novos partidos politicos. Como o jornalista lhe perguntasse se existia, de facto, a idéa de lançar um partido

nacional, respondeu: "Existe e póde considerar-se virtualmente victoriosa. Esta affirmação, que faço com segurança é apoiada em factos concretos, que não causam admiração a quem acompanhou a evolução da politica brasileira, neste derradeiro biennio. Todos os homens responsaveis pelos destinos do paiz, a começar pelo Chefe do Governo Provisorio, inclinam-se a acceitar o alvitre de um nucleo partidario, que possa abranger, dentro de um programma amplo, fecundo e pratico os, interesses de caracter propriamente nacional".

Buscando, em seguida, definir a natureza e a orientação desse partido nacional, accrescenta o illustre revolucionario: "O phenomeno é, como se vê, uma sequencia natural das conclusões a que a Revolução, victoriosa em 1930, levou, pouco a pouco, todos os cidadãos de senso, que souberam interpretar a ideologia do movimento contra o regimen passado. Se, num relance, quizermos focalizar as principaes phases de transformação, a que vimos assistindo de então para cá, poderíamos resumi-las, talvez, nestas poucas palavras: a Revolução de Outubro creou uma consciencia nova, porque, tendo sido a expressão mais eloquente da opinião nacional congregou, para a consecução da mesma finalidade, todas as classes sociaes e enfileirou, na mesma linha de combate, grupos differentes de differentes Estados. Não errariamos definindo essa consciencia nova como o fruto da verificação pratica de uma comunidade de interesses entre todas as cellulas da Federação e mormente entre todas as classes que, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, visam objectivos identicos de melhoria economica. Congregar essas energias, até bem pouco dispersas, unificá-las sob a mesma bandeira, encaminhal-as a um fim unico e patriotico: eis o significado e a tendencia do Partido Nacional. Não ha porque circumscrever actividades politicas a fins estreitamente regionalistas, quando ha interesses superiores de classe e Estados, que se fundem todos no interesse supremo da União".

E', portanto, patente que os dirigentes de Minas-Geraes e os da União Federal deliberaram formar uma aggremação politica, de larga envergadura, que tenha as raizes do seu prestigio em cada uma das regiões federadas da Republica, devendo apresentar-se aos suffragios do eleitorado nacional como a mais genuina representante da ideologia outubroista, victoriosa em 1930.

Emquanto que, aqui no centro, os partidarios da Revolução de 1930 envidavam esforços no sentido de fornecer á dictadura um quadro politico, de objectivos doutrinaris definidos, que lhe permittisse seguir rumo administrativo preciso, no Rio Grande do Sul o sr. Flores da Cunha tratava de abandonar as fileiras do Partido Republicano Riograndense, afim de cuidar da organização de nova corrente politica, como o noticiava o DIARIO CARIOCA (28 de Outubro): "Sabe-se, aqui, nos meios politicos, que a convocação feita pelo General Flores da Cunha, para uma assemblea de todos os chefes eleitoraes do Estado, prende-se á idéa da fundação de um terceiro partido politico no Estado, que obedecerá á orientação daquele General.

O sr. Flores da Cunha deixará as fileiras do Partido Republicano, onde fez toda a sua carreira politica, sendo acompanhado nessa attitude, por alguns dos seus membros e do Partido Libertador".

E de facto, a 15 de Novembro, reunia-se em Porto-Alegre uma grande convenção de figuras prestigiosas no scenario politico dos pampas. "Foi de grande vibração o dia politico de hontem nesta Capital", — relata a Agencia Brasileira, em telegramma de 16 de Novembro, expedido de Porto-Alegre, (O RADICAL, de 16 de Novembro, 2.^a edição) — "em virtude da sessão inaugural do Congresso de Prefeitos e Chefes Politicos Gauchos hontem realizada".

Descrevendo, em seguida, a ordem dos trabalhos, noticia a mesma agencia telegraphica (Ibid.): "Ao inicio sentou-se na cadeira da presidencia o sr. João Carlos Machado, Secretario do Interior do Estado, que convidou, a seguir, os srs. Alberto Bins, Prefeito Municipal de Porto-Alegre, Augusto Simões Lopes, General Zéca Netto e Demétrio Mercio Xavier,

respectivamente Prefeitos de Pelotas e Tupaceretan e Chefe de Policia do Districto de Bagé, e assumiram as funções de Secretarios da Mesa.

Depois, o sr. João Carlos Machado pronuncia o discurso inaugural, no qual, depois de fazer um rapido resumo da situação politica actual do Estado e do paiz, expõe detalhadamente os objectivos visados pelos organizadores do Congresso.

O orador termina por convidar o sr. Oswaldo Aranha a occupar a cadeira de presidencia, no que é attendido”.

Nessa mesma sessão, julgou o sr. Flores da Cunha, Interventor do Estado, que devia dizer de publico os motivos dessa reunião, no curso da qual precisavam de ficar categoricamente definidos os fins politicos do Congresso: “E’ necessario”, — proclamou o grande caudilho gaúcho (Ibid.) — “que todos os homens de boa vontade e de boa fé se alliem pela paz e a felicidade do Brasil, que tragam todos o concurso da sua energia e do seu patriotismo, para a grande obra da reconstrucção nacional. Este momento grave e singular para a nossa patria deve ser um divisor de aguas.

FIQUEM PARA O PASSADO AS AGUAS TURVAS DA DESORDEM, DOS ODIOS E DA MALDADE. CORRAM PARA O FUTURO AS LIMPIDAS VERTENTES DA PAZ, DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE QUE HÃO DE FERTILIZAR AS TERRAS GENEROSAS DO BRASIL, para que nellas floresça, enfim, a verdadeira democracia, onde coexistam os direitos de cada um e a felicidade de todos.

Verificado o nosso divorcio dos antigos correlegionarios e alliados, para evitar digladiacões sangrentas, sempre nefastas, submettamos o dissidio ao referendum da opinião publica do Estado no prelio pacifico dos comicios eleitoraes. Que ella decida entre os nossos ideaes de paz e de fraternidade, e os desejos de desordem e de vingança dos nossos adversarios”.

Nessa mesma sessão approvava a Convenção politica, constituida sobretudo de administradores estaduaes, um programma de acção, composto de 26 itens, no qual, atravez de expressões genericas, se cuida, superficial e succintamente, de todos os grandes problemas da vida nacional (O TEMPO, de 16 de Novembro).

A par dessas iniciativas de origem official, para a formação de partidos politicos, outras se verificaram, entre nós, com o mesmo objectivo, mas partidas de meios puramente particulares.

A 12 de Novembro, por exemplo, noticiava a “A NOITE”, 2.ª edição: “No salão da Associação Commercial, reabriu-se, ás 14 e ½ horas, a sessão solemne de constituição do Partido Economista, com a presença de numerosos socios fundadores que são, como se sabe, os elementos mais representativos das classes conservadoras”.

Justificando a creação e lançamento desse Partido, a Comissão, que se incumbiu da organização do seu programma, diz no preambulo deste (Ibid.): “1 — O Partido Economista do Brasil, organizado sob a inspiração do mais ardente patriotismo, tem por fim propugnar e realizar uma alta politica impessoal, que exprima as aspirações notorias da nacionalidade e que integre, na vida publica do paiz, o pensamento das forças economicas e culturaes, de modo que estas venham a interferir efficientemente na solução dos problemas brasileiros.

2 — Promovido, inicialmente, pelas associações commerciaes, industriaes e agricolas, o Partido processará a sua actividade politica fóra dellas e acolherá, com largo e cordial enthusiasmo, a esperada cooperação de todos os brasileiros de boa vontade e de sadio amor da Patria, sem qualquer distincção de classe, profissão, sexo ou crenças.

3 — O Partido Economista do Brasil não exprime, pois, um organismo profissional, nem é exclusivista, da mesma forma que não constitue uma federação ou confederação das classes economicas ou de associações de classe.

4 — Na vida nacional o Partido Economista do Brasil destina-se a servir — servir na alta significação que a ethica social imprime a esta palavra, segundo os dictames da modernidade universal.

Expressão politica da opinião organizada e capaz: interprete das correntes predominantes das classes economicas e culturaes, abrangendo todos os elementos vitaes do paiz; reflexo dos reclamos civicos e progressistas do Brasil; coordenador dos rumos historicos da Patria, o Partido Economista, sem se desvincular do senso das tradições nacionaes, incutirá á sua directriz toda a capacidade de adaptação e renovação, continua e renascente, mas sem sobresaltos e no rithmo normal da evolução das idéas”.

Todos esses partidos, que estão a nascer, sob a protecção ostensiva dos governos, ou ao influxo de inspirações de associações de classe, não apresentam nenhuma idéa central, que permitta ao publico brasileiro, definir, com segurança, a mentalidade desses homens que agora se debruçam, inquietos e ambiciosos, sobre a arena dos comicios, onde se debatem os grandes interesses da nacionalidade. Os seus programmas não passam, na realidade, de agglomerados inuteis de phrases vagas, apenas bem escriptas, e que escondem, por entre o luxo exuberante dos seus vocabulos, a pobreza immensa da sua ideologia caduca e imprecisa.

No fundo, esses novos Partidos são tão artificiaes e desmoralizados como os Partidos do antigo regimen. Uns e outros viveram e vivem totalmente divorciados da opinião publica, que os encara com enorme e fundada suspeição. O que os sustentava e sustenta é o prestigio pessoal do governante, ou de chefe de empresas.

Não é differente desta a situação do Partido Democratico Socialista, que a 16 de Novembro (O GLOBO, 2.^a edição) dirigiu á Nação manifesto sobre os objectivos que o faziam intervir na vida publica do paiz.

Após confessar o desencanto que foi para os socialistas brasileiros, de que se diz representante, o rumo impresso á cousa publica pela Revolução de Outubro, o Partido Democratico Socialista aponta á opinião brasileira aquillo que diz ser uma grave ameaça: “Em consequencia do tratado de Latrão celebrado entre Pio XI e Mussolini o Vaticano transformou-se num Estado.

Só esse facto devia tornar suspeita a actividade politica de milhares de padres e religiosos que vivem espalhados pelo mundo.

Aqui no Brasil, principalmente, onde o Clero catholico é na maioria estrangeiro, italiano em grande parte, não se devia permittir que os padres fizessem politica e gozassem do direito de cidadania”.

Entra, em seguida, o manifesto, a explicar os motivos desta medida compressorá, que está a reclamar. Eis, textualmente, as razões que aponta: “Presos por um voto de obediencia a um governo estrangeiro, não se justifica, realmente, essa tolerancia que redundá, no final de contas, numa ameaça permanente á tranquillidade nacional. Estudando a alliança da Igreja Catholica com a dictadura italiana, um nosso companheiro escreveu recentemente: “Dando á Igreja privilegios de dinheiro, Mussolini teria obtido do Papa o compromisso de transformar o seu immenso exercito de padres numa especie de milicia facista para uso externo”.

Não fôra o prestigio social do Dr. Pedro da Cunha, medico de nomeada desta Capital, e o Partido Democratico Socialista já teria desaparecido do nosso meio sob os risos, irreprimiveis, da intelligencia nacional, que não deixaria de recordar a esse Partido esta advertencia, que consta do seu proprio manifesto: “Individuos ignorantes dos mais elementares principios de Sociologia, desconhedores das leis que regem a formação dos Estados, arvoram-se, da noite para o dia, em creadores de systemas politicos, que elles entendem de poder impôr, por bem ou por mal, a um povo de cerca de 40 milhões de almas”.

Os organizadores do Partido Democratico Socialista, quando redigiram esse trecho admiravel, tiveram o cuidado de olhar, antes de tudo, para o vasio da sua intelligencia, para a pobreza dos seus proprios conhecimentos, pois, onde viram elles voto de obediencia em materia politica?

Por outro lado, se, em assumpto de tamanha gravidade, como o da organização de leis para os povos e o da confecção de tratados entre as potencias, não vivessem os membros do Partido Democratico Socialista

mergulhados em ambiente da mais crassa ignorancia, elles saberiam distinguir, perfeitamente, no Summo Pontifice, a situação de Chefe de Estado, e a de Pastor de almas.

Felizmente, para a nacionalidade, nenhum desses Partidos tem real prestigio no seio da opinião publica, que, até agora, ainda não encontrou os quadros politicos capazes de interpretar, com fidelidade, o seu pensamento authenticico.

O nosso estado de espirito póde ser retratado, com absoluta fidelidade, por estes conceitos de Berdiaeff, que são de significação universal: "A psychologia da penitencia christã é diametralmente opposta não somente á psychologia da revolução, mas, ainda, á psychologia da restauração, SEMPRE VINGATIVA E CHEIA DE FUROR. O desejo da vingança e a aspiração á restauração da antiga vida no peccado são incompativeis com a penitencia, que se esforça no sentido de uma vida nova; — é um estado de peccadores impenitentes" (Ibid., pag. 215).

A salvação, assim, do paiz não está nem na continuação desse ambiente revolucionario, nem na sua remoção atravez do trabalho, coordenado, dos elementos do antigo regimen. Revolucionarios e pre-revolucionarios se valem, na sua maldade, e no seu materialismo. Delles podemos dizer o que Berdiaeff diz do burguez europeu em face do communista russo: "Não se póde oppor o burguez europeu ao communista russo. Em razão da formação espiritual do povo russo, do homem russo, não se poderá vencer o communismo em nome das idéas burguezas, e mediante um regimen burguez. Tal é a Russia, tal é a vocação do povo russo neste mundo. Khomiakoff e Léontieff, Dostoiewski e Léon Tolstoi, Wladimir Solovieff e Nicolas Fedoroff são destruidores do regimen burguez e do espirito burguez debaixo do mesmo titulo que os revolucionarios russos, os socialistas e os communistas. Tal é, com effeito, a idéa russa. Os patriotas russos devem disto ter consciencia. O crente russo considera que, deante de Deus, o burguez europeu não vale mais que o communista russo. E o homem da Russia não póde desejar que o burguez europeu venha tomar o lugar do communista. ELLE NÃO CONSENTE EM SUBSTITUIR AOS VICIOS COMMUNISTAS AS VIRTUDES BURGUEZAS, PORQUE ELLE REPUDIA ESTAS VIRTUDES" (Ibid., pag. 211).

O Brasil deste momento não esqueceu ainda que o legalista do antigo regimen em nada se differencia do governante discricionario da hora actual. Um e outro são filhos do peccado. Um e outro são pregoeiros de orgulho satanico. Um e outro cultuam e adoram a violencia.

Entretanto, a Nação aspira viver, daqui por deante, dentro de um ambiente de vida publica inteiramente revonada. Ella deseja que os actos de autoridade sejam pautados por padrões novos, desligados, totalmente, do materialismo, theorico ou empirico, que as classes dirigentes pregavam do alto das suas cadeiras professoraes, ou atravez das manifestações impressionantes dos seus exemplos escandalosos.

E, queiram ou não queiram, os revolucionarios de 1930, e os seus intransigentes adversarios, os legalistas do antigo regimen, uma nova mentalidade, diferente de ambas, já começou a apparecer nos horizontes da vida publica brasileira: "Um dos aspectos mais curiosos da revolução paulista" — diz um jornalista de São Paulo, sr. Amazonas Duarte (Entrevista ao DIARIO DA NOITE, de 19 de Outubro) — "foi a criação de uma mentalidade inedita surgida das asperezas da vida das trincheiras. A onda de voluntarios que tomaram armas, saída de todas as camadas sociaes, está agora capacitada da fallencia integral dos politicos de officio. Estes que prepararam e alimentaram a guerra civil não voltarão a dirigir São Paulo. Assim proclamam os combatentes — os "capacetes de aço". Elles que soffreram nas linhas de frente todos os horrores da luta que se prolongou pelo espaço de 80 dias, julgam-se com o direito exclusivo de governar o Estado e estão firmemente dispostos a se arregimentarem politicamente para esse effeito".

Dando conta deste surto novo de idealismo sadio, no seio da nossa vida publica, o sr. Romão Gomes, um dos elementos que mais se distin-

guiu entre as fileiras dos combatentes paulistas, declara, por sua vez, em entrevista a A BATALHA, de 6 de Novembro, e relativamente aos propósitos da federação dos voluntários de S. Paulo: "A mocidade paulista, que se bateu nas trincheiras, quer, agora, interessar-se pela administração publica do Estado, quiçá do paiz. Quer intervir, beneficentemente, e por seus representantes directos, nos negocios publicos".

Sendo-lhe, outrossim, perguntado, o que pensava dos velhos partidos, retrucou: "Os velhos politicos erraram. E, justamente por reconhecer esses erros, por condemná-los, é que os moços se estão congregando. Para, reunidos, fortes, portanto, trabalhar pelo progresso de São Paulo, e do Brasil. E trabalharão, estou certo. Empregarão toda a intensidade das suas forças jovens, em prol da revitalização e do desenvolvimento do Estado e da Nação.

Os velhos partidos, evidentemente, não poderão resurgir, levados, de roldão, pelos moços, a quem caberá, muito breve, o commando, o governo do nosso aparelhamento politico, social e administrativo. Elles assim o querem e, pela sua capacidade, pelo seu valor, saberão realizar o seu desejo".

E' mister, porém, que não nos illudamos sob as condições necessarias a este surto de uma vida publica renovada. E essa mentalidade nova que nos vem das trincheiras paulistas, povoadas com o escol da mocidade bandeirante, ha-de ser construida sob bases nitidamente espiritualistas. Cumpre que obedeçamos, em tudo, a este preceito, de que Berdiaeff se faz apenas o vehiculo: "A vida nova, a vida melhor será antes de tudo vida espiritual. A palavra de ordem para cada um é: faças o que deves, venha o que puder". (Ibid., pag. 217).

Ora, o dever dos catholicos brasileiros, neste momento, é trabalhar para que a politica nacional venha a cair, atravez das eleições prestes a se ferirem, nas mãos de homens que reconheçam, antes de mais nada, a necessidade inadiavel de construir o edificio social do futuro sobre alicerces inequivocamente espiritualistas. Neste momento, não é licito a nenhum catholico desconhecer este seu dever, sobretudo depois do que affirmou S. Eminencia o Cardeal Leme, em entrevista a O GLOBO, de 18 de Outubro: "Se na democracia que o Brasil quer ser, o voto fôr de facto o instrumento da vida publica, não ha como fugir á consequencia: a todos os cidadãos bem intencionados se impõe o dever eleitoral, que se resume em qualificar-se eleitor, votar e votar conscientemente. D'ahi a idéa da Liga Eleitoral Catholida a esta hora já fundada, em todos os recantos do Brasil, até nos longinquos rincões de Goyaz e Amazonas".

S. Eminencia, pondera, entretanto, logo a seguir, que a intervenção dos catholicos não se dará sob a forma de partido politico. Tal actividade será exercida de maneira mais modesta, e sem riscos de dissensões, desde que a escolha dos candidatos ás funcções publicas se fará sob o criterio exclusivo dos principios: "No momento historico em que se decidem os destinos da Patria" — observa o grande Pastor — "cidadãos como os que melhor o sejam, os catholicos não podiam ficar de braços cruzados. Não formarão, é certo, partido politico, mas cerraão fileiras em torno dos principios religiosos, moraes e sociaes da Igreja catholica.

Taes principios serão para todos o criterio da selecção entre os partidos. E' um direito e é um dever. Dever de fé e patriotismo".

E' chegada, assim, a hora, em que os catholicos brasileiros vão ter a oportunidade admiravel de, com a sua intervenção ostensiva nos comicios eleitoraes, concorrer, fieis aos principios espirituaes que os animam, para a formação, no seio da nacionalidade, de uma nova mentalidade, capaz, pelas suas virtudes, de reconduzir o paiz para dentro de um ambiente de alta moralidade administrativa.

Os ideaes, que nutrem os chefes dessa renovação politica, foram superiormente definidos pelo sr. Alceu Amoroso Lima, no seio da Comissão nomeada pelo Governo para elaborar a nova Constituição. Discursando na solemnidade de installação desta Comissão, proclamou, com brilho inexcédível, o supremo orientador da intellectualidade catholica

nacional (CORREIO DA MANHÃ, de 10 de Novembro): "A "reintegração das leis do Estado na realidade da Nação", é, de facto, o caminho que escolhemos.

E escolhemo-lo por ser o mais racional, o mais nacional e o mais christão.

O mais "racional", porque a razão e a experiencia nos ensinam que, embora subordinado, como todas as cousas humanas, á Lei eterna e á regra natural das cousas, deve o Estado ser emanado da Nação e nunca applicado a ella. O Estado deve "nascer" naturalmente e não ser "construido" artificialmente. O estado deve exprimir a realidade social local e não amoldá-la arbitrariamente ás ideologias ephemeras e alienigenas.

E' preciso, portanto, que as leis fundamentaes do Estado brasileiro correspondam organicamente á "toda" a nacionalidade e não sejam apenas a expressão de olygarchias politicas ou agrupamentos sectarios sem expressão profunda e duradoura.

Sendo o Brasil, historica e psychologicamente, uma Nação que, apesar de todas as suas difficuldades no terreno espirital, nasceu catholica, conquistou o seu territorio escudada na fé christã, e assim educou até ha pouco todos os seus filhos, organizou-se politicamente por tres seculos sem trahir as suas origens espirituas, manteve até hoje a sua familia resguardada pelos principios moraes do christianismo, e conserva na quasi totalidade de sua população, os mais profundos sentimentos religiosos, sem grande diversidade confissional — tudo indica que o factor espirital christão não póde deixar de influir de modo decisivo em qualquer elaboração racional de suas leis".

Entra, em seguida, o illustre pensador catholico a mostrar que tal reintrodução do elemento espirital da vida politica da Nação é tambem reclamada pelos postulados da nossa propria vida social. Trabalhar, pois, por essa reintrodução é fazer obra nacional e christã. Pelo que, conclue o eminente sociologo christão; "As leis do Estado, portanto, têm de ser a emanação da realidade nacional, não podendo contradizer nem os principios racionaes, nem a natureza da nacionalidade, nem as exigencias moraes do christianismo.

Eis porque dissemos que a reintegração das leis do Estado na realidade da nação era, para nós, a mais racional, a mais nacional e a mais christã das soluções para o problema politico actual, da volta do paiz ao regimen legal.

Esta será a minha finalidade, nos trabalhos que hoje se iniciam e para os quaes imploro as benções de Deus Nosso Senhor".

Não se illudam os legisladores de agora. Se elles desejam fazer obra duradoura, é mister que ponham as suas leis em equação perfeita com as aspirações da nacionalidade. Mas, como a historia o comprova exuberantemente, o Brasil nasceu, cresceu, e educou-se ao influxo salutar dos preceitos evangelicos.

Qualquer Constituição, assim, que fôr decretada para o nosso povo com postergação das verdades cardeas, de que a Cruz de Nosso Senhor Jesus-Christo é o symbolo eterno, será destinada, como a Constituição de 1891, á mais completa das desmoralizações politicas. Ninguem a respeitará. As suas regras serão tão caducas como a mentalidade dos homens que a construíram. E assim como a Constituição agnostica da primeira Republica tornou necessaria a reacção armada de 1930, a Constituição leiga de 1933 trará, no seu seio amaldiçoado, o germen sombrio de futuras dissensões sangrentas...

REGISTRO [✓]

A OFFENSIVA CONTRA A
IGREJA

E' incontestavel que a Igreja, no momento, soffre uma investida furiosa em varios pontos do mundo dito civilizado. Por circumstancias locais, em paizes como a Hespanha, a Russia e o Mexico, essa investida se objectiva em actos de tão desbragada violencia, que a opinião internacional se apercebe da lucta. Mais numerosos, no entanto, são os povos em cujo seio trabalham subterraneamente os inimigos da Igreja, no sentido da sua ruina.

E, facto digno de nota: o alvo principal de tantos odios é o Papado, e, mais do que o Papado, o Pontifice reinante Pio XI.

Ha, contudo, uma certa logica nesse odio. O mal tambem tem a sua logica... E' que poucos terão sido os Papas que, como o actual, tenham atacado, ao mesmo tempo, tantos focos de perversão social, na doutrina e no costumes; e atacado com tamanha decisão e valentia.

A proposito da sua Encyclica "Quadragesimo Anno", um judeu eminente, o sr. Morris L. Moskovitz, escrevia em artigo inserto em "The Brooklin Tablet", de Nova York, o seguinte trecho que merece toda a nossa attenção: "O Papado é a unica autoridade universal, como tal reconhecida, que se atreve a falar sem temor sobre materias sociaes, moraes, politicas e economicas, mesmo tendo de desafiar a vontade dos Governos, das nações e das classes ricas e privilegiadas". E adianta mais, para nossa edificação, referindo-se particularmente, na citada Encyclica, á posição de Pio XI: "O Papa ahi contraria tanto o communismo de classes de Lenine, quanto o individualismo de classes de Wall Street, em summa, toda a sorte de oppressão seja qual for o particular, a nação ou o grupo de nações que pretenda exercer-lo".

Esta confissão não podia ser mais insuspeita para a opinião geral, pois que se trata de um inimigo tradicional da nossa fé. Mas seu grande merito não está, propriamente, em affirmar uma verdade que salta aos olhos de todo mundo, po-

rém em desvendar uma das causas da presente offensiva contra a Igreja, particularmente contra o Papado, e mais especialmente, contra o Vigario de Christo, actualmente imperante: a reacção do mundo das finanças contra o Papa que proclama os seus crimes e incita os povos a sacudir a sua escravidão.

UM SANTO DE CUECAS... Quando Gandhi, o famoso agitador hindú, veio á Inglaterra conferenciar com o Governo britannico, os jornaes europeus occuparam-se largamente dessa personagem. Contaram e recontaram por miudo sua vida, suas campanhas, suas crenças, seus costumes, suas glorias.

Os amantes de singularidades, tiveram, então, largo pasto em que fartar seu appetite voraz de extravagancias e ineditismos.

O assumpto, incontestavelmente, prestava-se a toda sorte de fantasmagorias. E por isso, usou-se e abusou-se das construcções imaginosas em torno do fakir de lunetas. Chegou-se francamente ao disparate.

Assim, por exemplo, louvaram-se com ardor suas virtudes, principalmente sua humildade. E um desses louvamineiros, num surto audaz e hyperbolico, comparou Gandhi a São Francisco de Assis!!!...

Ora, seria difficil encontrarem-se dous typos da humanidade mais irreductivelmente oppostos entre si. S. Francisco era christão, um typo de perfeição christã. Gandhi, hindú, expoente racial e psychologico de todas as taras do povo hindú. A humildade de S. Francisco era informada no mais alto gráo pelas virtudes theologicas, pelo amor de Deus, na sua mais requintada, mais sobrenatural expressão. A de Gandhi é formalista, é exterior, e, sobretudo, estranha á graça, á comunicação de Deus ás nossas almas. A humildade de Gandhi é nada mais, nada menos que orgulho secreto, subtilizado.

Porventura sua agitação contra o dominio inglez na India não é, fundamentalmente, uma campanha demagogica, uma demonstração da indisciplina e do orgulho do seu coração? E sua greve da fome não é um suicidio consciente e deliberado?

Positivamente é um sacrilegio compará-lo a S. Francisco. Para assemelhar-se ao Patriarcha da Umbria não basta o desapego ás vaidades do traje. Gandhi parece ter encontrado nesta supposição toda a sua concepção da humildade. Suas vestes, realmente, não podiam ser mais summarias. Tanto que, acaso canonisado, seria, com licença da palavra um santo de cuecas...

SECÇÃO UNIVERSITARIA ✕

A. U. C.

MEDITAÇÃO PELO NATAL

Passou mais um Natal. E o acontecimento é tão universal e humano, que todos o comemoram. Cada um a seu modo. Pela piedade, alguns; pela blasfemia, outros. Pela futilidade mundana; pela indiferença. Na Rússia, cujo exemplo costuma ser sempre citado pela sedução que exerce aos faceis entusiastas do Brasil, na União Soviética são oficiais as *comemorações*, diabolicamente conduzidas com uma deselegância só comparável á sua vaidade louca. (Quos Jupiter...). E a Liga, que se diz até a "contra Deus", é ali um documento apologetico e um alto testemunho da existencia d'Ele, pois esta é tão universal que, até para negá-LO, eles tem de invocá-LO.

E' preciso atender ao sentido profundo desta festividade. Ha alguma coisa mais significativa que o seu caracter ecumenico. Alguma coisa que se acha á base de tudo isto. E que é a objetividade do Fato Unico, cuja projeção na historia é tão intensa e cuja influencia é tão fundamental, que a ordem de coisas instauradas obedece a uma cronologia nova que secciona, sem trincar mas para completar, o processo universal da historia humana. E ha uma transformação prodigiosa que nem a filosofia adeantada dos gregos, nem a sabedoria dos egipcios, nem a força dos romanos conseguiram realizar. Nós sabemos quem a realizou e como se realizou.

E' o Fato que ficou isolado entre todos os fatos. Recebendo do passado as aguas de todas as fontes e abrindo para o futuro a direção de todas as estradas. A historia precristã é assim o desenvolvimento dum plano transcendente, é apenas a "preparação", como diz Bossuet, do acontecimento que comemoramos, e uma ilustração continua de sua "necessidade". E não fugiu a consequencia á lei que presidiu a tal preparação. Recebeu a civilização o fermento duma palavra nova. É a verdade, que é a varinha de condão das transformações maravilhosas e a energia fecundante que se abre em frutos, modificou o curso da Vida, completando-a sem adul-

terá-la. Não existem mutações bruscas — senão milagrosas — nem alterações que desvirtuam. Há sim a marcha absorvente duma doutrina cuja dinamica ultrapasse todas as esterilidades.

E coincide então, identificando-se com ela, a ordem geral com a ordem cristã, sobre a qual agem as flutuações imponderáveis ou notórias da incoercível liberdade humana. Já existem então concavidades sonoras que recolhem as vozes dos homens, e já encontram sentido, num arcabouço que os cinge sem os anular, os impulsos bons ou máus daquela liberdade. Não conhecera o paganismo tal consciencia integradora e universal da Vida. Por isto é que a historia do mundo pagão é de algum modo vazia dum sentido que a ultrapasse. Faltou-lhe, pela sua posição historica, aquilo que é o segredo da civilização que o substituiu: a hierarquia.

Esta meditação, — que não tem pretensões e cuja sinceridade desculpa muita imperfeição — tem uma conclusão importante: — é que podemos considerá-la uma verificação experimental do plano transcendente que é aquilo que De Maistre chamou "le gouvernement temporel de la Providence".

A' certeza da aceitação dogmatica — a certeza sociologica, que corôa aquela como sempre. Os conflitos aqui só existem para os eternos armadores de escandalo. Que não querem ou não podem ter na vida um conceito de plenitude em que se resolvem todos os excessos e se preenchem todas as deficiencias.

Todos vemos na vida particular, que é a historia dos individuos, como na historia, que é a vida dos povos, a realidade desse plano providencial, que é a manifestação tangencial de Deus. E que é a escrita tortuosa, através de todas as vias, elaboradas pela mão do Senhor atuando nas atitudes inconcientes dos homens, cuja liberdade só se cumpre plenamente dentro da hierarquia do divino.

L. A. A.

Pomba, (Minas), Natal 1932.

A CRISE DA INSTRUÇÃO

O futuro das nações está na escola. E' nos bancos de estudo que se decidem os destinos dos povos. E' com as gerações novas que se operam as revoluções fundamentais na existencia das nacionalidades.

A Alemanha com seus exercitos, na historia do ocidente, figura como um valor militar que sendo o mais forte, nem por isso foi o vencedor. Não foram os exercitos, não são as marinhas que cream e mantem a integridade das nações. A

Alemanha cujos exercitos fizeram tremer o mundo, vencida nos campos de luta, tinha o seu renascimento, a sua preponderancia assegurada nos bancos de suas escolas modelares.

Não são os canhões, não são os sabres que integram e garantem a estabilidade estrutural dos povos.

A Alemanha derrotada, renasce e se afirma, avulta e se impõe ante o pasmo geral e confusão de seus vencedores. E' que os exercitos mais temiveis deste paiz não foram enfrentados. E' a Alemanha das escolas que se não conseguiu vencer.

"De hoje em diante não haverá no Japão nenhum inculto". Eis o enigma da maior revolução social de um povo que já se registrou e se continua a operar na historia da civilização. O Japão está sendo o assombro do mundo. Hontem seus portos eram forçados pelas esquadras ditas "da civilização", sua integridade ameaçada. Foi o "espírito ocidental" que não "faz" guerra, que respeita o "direito", que não "prepara" morticinios, foi este decantado "espírito do ocidente" que, pelos canhões da esquadra do almirante Perry, acordou um povo para a civilização. Este povo compreendeu a mensagem dos civilizados. Recolheu-se ás escolas e estudou.

E a 25 de Março de 1905, quando os couraçados japonezes aniquilavam a esquadra russa em Tsoushima, o Imperio do Oriente conquistava sua entrada para o recinto das nações por uma vitoria menos de sua frota que das "trincheiras" em que convertera os bancos de suas escolas.

Foi nas escolas japonezas que se fez a maior revolução que já se registrou na historia. Foram as creanças do Japão que permitiram ao exercito do Imperio abrir, com uma espada em punho, a porta da civilização. E' que, então, já não havia no Japão, nenhum inculto.

* * *

Estas considerações podiam ser estendidas a outras nações marcando ainda melhor o que para as sociedades significa a educação das novas gerações. Podemos dizer que as escolas são as oficinas do futuro.

Si olharmos para as nações que avançam, veremos que seu movimento de progresso está ligado ao nivel cultural de seu povo. Não existe uma ascensão positiva na historia das sociedades que não acuse a necessidade de uma formação do individuo á altura da epoca e das condições exigidas para a vida.

Sem essa formação, sem essa capacitação preliminar do individuo, como unidade do todo social, é inutil e vã qualquer esperança de resurgimento ou reerguimento das coletivida-

des. Uma nação vale a soma relativa das capacidades e valores dos indivíduos que a constituem.

* * *

Da sociedade o individuo participa como quantidade em numero e como qualidade em valor. A importancia dos povos resulta necessariamente dessa qualidade e dessa quantidade.

Não existe apenas uma questão de "numero". Importa essencialmente o valor de cada homem. E os valores multiplos de que se pode enriquecer o individuo, é que fornecem, em ultima analise, a explicação mais simples da fraqueza ou força dos povos.

Assim se pode acompanhar o desenvolvimento de um paiz atravez os planos diversos em que se encontram os seus individuos.

As qualidades do romano primitivo e as do romano no eclipse politico de Roma distanciam-se segundo gradações de um "valor social" que se ia depauperando num crescente de relaxamento tal que, a certa altura desse movimento historico, já não era possivel um equilibrio da deficiencia do homem pelo "numero" de homens. Roma estava em crise. A' vida das sociedades não importa apenas o "numero" de homens.

* * *

De todas as desordens que, a esta hora, inquietam a vida nacional, uma é profundamente grave e de consequencias irreparaveis. Uma economia desmantelada organisa-se; uma politica desorientada corrige-se. São erros sanaveis que não afetam decisivamente o destino da nação pela transitoriedade mesma de seus efeitos um tanto de superficie.

Não assim, porem, com a instrução das novas gerações. E é precisamente por esta anarquia fatal que está reinando na instrução, que ha motivos a temer pelos destinos do Brasil.

Nenhuma instituição legal, nenhuma repartição, nenhuma classe no Brasil, está sujeita a maiores azares dos caprichos politicos que a dos estudantes. Existe um desinteresse geral pela cultura da mocidade nacional e a desmoralisação crescente em que vem caindo, chegou a tal ponto que já é impossivel falar de instrução entre nós sem sentir arrepios de desillusão e tristeza ante essa desordem oficialisada que vai do ministerio publico aos cursos primarios.

* * *

A instrução, entre nós, está distribuida por tres series: primaria, secundaria e superior. O que domina nesse con-

junto é a desarticulação e falta de unidade na orientação dos estudos.

A instrução primaria, deixada a cargo dos Estados, sofre variações de programa e metodo que difficil é fazer um juizo preciso sobre os mesmos. O nivel primario é irregular e mal distribuido. Da desuniformidade de programa, da falta de um professorado capaz de ensinar, resulta a balburdia que conhecemos por instrução primaria, que, sobre ser fragmentaria e esparsa, não chega para todos. Menos de 25 % de nossas creanças estudam.

* * *

O curso secundario, participando da deficiencia do ensino primario, é agravado por dois outros males que o desmoralizam e inutilizam: a mercantilisação e a desorganisação. São raros os estabelecimentos de instrução secundaria do Estado. Encontram-se em poucas cidades. E o Ministerio da Educação fazendo da instrucção no Brasil uma fonte de rendas, mercantilizou o ensino por um sistema tal de taxas e de inspeções as mais inuteis e pesadas, que o estudante secundario é hoje um "contribuinte" e uma vitima do Estado. E esta situação do estudante agrava-se. Paga mas não tem garantias. As reformas sucedem-se numa precipitação de programas que cansa e inutilisa a vontade dos mais estudiosos. E' deploravel esta situação. Os collegios particulares são, com raras excepções, as casas autorizadas para esta distribuição de titulos a um corpo de contribuintes. Sobre tudo isto, resta ainda a considerar a falencia do corpo docente, sem formação e impregnado do espirito de exploração inspirado, aliás, pelo Ministerio.

* * *

Os cursos superiores são necessariamente o resultado dos que o antecedem. Em todos eles, o ensino, o estudo, desacreditam-se. Estudantes e professores confundem-se numa mesma indistinção de cultura e nesse desinteresse comum pelos ensino e pelo estudo.

Paga-se. O estudante é um contribuinte. Mantem um corpo de funcionarios e fiscais, um Ministerio e sua burocracia. O peso do "imposto" e do estudo acabrunha e revolta todos. E os nossos estudantes aprendem a "indisciplina", porque esta é "materia" oficial. Exigem um decreto para "passar", porque este "direito" compra-se na "entrada" dos cursos e já se não adquire nos bancos de estudo. E a mentalidade primaria de nosso ambiente universitario é desoladora. Essa geração que deixa as escolas superiores nada leva a serio e o espirito de leviandade que vai devas-

tando todos, a indisciplina oficializada e a desorganização erigida em "programa", autorizam proclamar a falencia cultural de uma geração e recear pelo futuro da nação.

* * *

Erros políticos reparam-se. Uma economia em desordem organiza-se. Os erros da instrução não são passíveis de "correção" por decretos. Eles ficam nos hábitos, no caráter e na personalidade dos educandos. Integram-se ao individuo e começam a ser um patrimonio como que inalienavel.

E esse patrimonio "inalienavel" de indisciplina e de desorganização é que está sendo praticamente adquirido por nossos moços atravez dos decretos do Ministerio e da anarquia do ensino.

Que restará á Patria, depois? Esta mesma geração que amanhã, senhora de seus destinos, é bem provavel, poderá perde-los, porque é uma geração que se "perde".

J. J. S.

RESTAURAÇÃO

Velha aspiração minha logrei ver satisfeita quando, trazido pela mão de querido mestre, ingressei no Circulo de Estudos "Bandeirantes", agremiação de lucidos espiritos que positivamente honra os fóros culturais da linda capital do Paraná.

Estava, porém, muito longe de crer que a minha modesta contribuição para esta esplendida "cooperativa de idéas"—como ao Circulo lhe apraz denominar o seu presidente—fosse tão cedo solicitada.

E' que vim aqui para aprender. Uma pessoa, cujo cerebro esteja em vias de formação, não pode desdobrar conhecimentos perantes outras de reconhecida cultura e solidas sciencias.

Tudo o que eu disser se ressentirá de innumeraveis falhas. Será incompleto. Será trivial. Pouco caracteristico. Será erroneo, talvez. Mas será sempre sincero. Sempre a exteriorização leal dos pontos de vista que se caldeiam e fervilham na mente dos moços. Sempre a franqueza na apresentação de depoimentos, de quem aspira a ser, no futuro, "um homem marcado", na imagem do preclaro redentorista Julio Maria.

Não importa que eu tenha de refundir todas as opiniões pessoais, em consecuencia das observações amigas.

Considerar-me-ei feliz assim. Ao menos não serei um indiferente, ou peor ainda, um precocemente falido, diante do complexo fabuloso que a vida intelectual apresenta aos adolescentes.

Porque *ha um merito no erro, ao passo que ha sempre um pecado na indiferença* (1) assegura Tristão de Athayde. E o merecimento unico que eu porventura poderei gosar será este:

A boa vontade ao tentar a escalada, apesar da previsão de que não atingirei os cumes desejados, permanecendo no sopé ignoto, entre a confusão dos mediocres.

E quando, aqui no Circulo de Estudos "Bandeirantes", vier a minha voz atrapalhar o concerto das outras vozes, que sempre têm apresentado e continuarão a apresentar primorosos trabalhos, eu não relembrarei no intimo a velha e repisada imagem de que a contemplação dos precipicios releva a imponencia das montanhas. Não. Mas direi tão somente, com discreto e humilde senso da realidade:

Ao ver refulgir no alto as inteligencias superiores, sinto a atomização completa do valor proprio, e tenho a intuição clara, irrefutavel e dolorosamente esmagadora, do nada que eu sou.

* * *

Tristão de Athayde, o mais caracteristico e lucido dos espiritos contemporaneos em nossa terra, nas páginas de preciosos folhetos em que, com encantadora serenidade, reconhece a improcedencia de certos conceitos anteriores á sua volta á Cruz, e com tino sociologico mais sereno ainda, aponta, como ferreo dilema, os dois maximos caminhos do mundo moderno: o comunismo e o catolicismo; Tristão de Athayde, destinado a ser, com toda a certeza, o mago da geração brasileira que, neste segundo quartel do seculo, braceja nos transportes primeiros das atividades intellectuaes, escreveu com a autoridade de quem analisa uma época depois de a ter vivido: *Há quasi meio seculo que faltava á mocidade brasileira aquilo que é a propria razão de ser da sua beleza e do seu prestigio: uma Causa.* (2).

Paginas adeante, declara-se documentado em afirmar que os moços de hoje, os que constituem a nova gente do Brasil, já sentem o *desejo de servir a uma bela causa*, (3) sentem a *coragem de afirmar o amor á ação direta e ás realidades tangiveis.* (4).

Lendo êste topico, que, a ser verdadeiro, tanto consolo traz á flagelada nacionalidade, volveu-se-me insensivelmente o pensamento á mocidade do Paraná, aos rapazes que hoje alegram as nossas arcadas universitarias com o viço de sua

(1) Tentativa de itinerario, 36

(2) Tentativa de itinerario, 21

(3) » » » 31

(4) » » » 31

juventude e a exuberancia de suas possibilidades, e debrucei a observação para dentro de mim mesmo, inquirindo:

—Será que nós, os moços paranaenses, sentimos palpitações identicas ás dos que, ao grande luminar catolico do Brasil contemporaneo, forneceram dados para a afirmação citada ?

* * *

Li, não me recordo onde, que cada geração sente irresistivel necessidade de fazer opposição á precedente. Embora nem todas elas possuam fundamentos em ajustar os qualificativos da mediocridade ás antecessoras, parece-me que a minha pode arrogar-se tal direito.

Provenientes, como fomos, de uma epoca em que nada de nobre se desenhava em frente á sociedade, para que seus membros provassem as imensas reservas da alma nacional; nascidos quando jaziam esgotados os motivos de ação conjunta, que impeliram os antepassados a encetar campanhas de larga projeção, como a independencia, a abolição, ou a republica; despertando no momento terrivel em que se diluia, pelo mundo todo, a onda preparadora do grande cataclismo europeu; surdindo numa atmosfera de exquisitices e expectativas, onde se amalgamavam os mais desconchavados com os mais justificaveis sentimentos, muito natural seria que respirassemos, com o perfume dos berços, esse espirito de dissimulado temor, essa tendencia ás atitudes constantes de observação apenas, sem o imediatismo necessario do acto.

Não tendo a influencia do meio aquella base indestrutivel que faz aparecer, cedo ou tardiamente, as propensões atavicas, esperavamos que uma educação completa, socorrida por uma instrução bem norteada e sensata, viesse eliminar o fluido pernicioso que se nos instilara no amago.

Os nossos educadores, porém, não querendo compreender a grandeza de seu papel, sibariticamente permitiram que em nós, consequentemente auto-didatas, se arraigasse mais ainda o habito do superficialismo, dos conceitos das tintas palidas, da permanencia nas penumbras, sem a posse da luz plena.

E nós viamos correrem os annos, em ondulações fraquissimas, em apatias quasi constantes, mas sempre aspirando, como todo o ser que tem alma, a alguma cousa que não sabiamos definir, mas cuja necessidade previamos com segurança.

De nada adiantara a pequenina dobra da cortina que se entreabrira, quando, nos bancos gimnasianos, nossos cerebros, tão faceis de amoldar, começaram a receber as primeiras impressões dos labios dos professores. Bem depressa percebemos que, emquanto existissem, infiltrados nas moleculas de nosso ser, os males legados pela geração precedente, isto é, emquanto não nos fortalecessem o animo para os embates

futuros, provocando, para tanto, uma transformação medular, tudo isso seria inutil. Tudo. A bondade demonstrada por um ou outro mestre; a nossa sofreguidão em atender aos abracadabrantes programas que nos eram impingidos com o mais ridiculo dos rigorismos; a energia gasta no aprendizado de um mundo de conhecimentos...

O vacuo imenso de aspirações insatisfeitas continuava assustadoramente hiante.

E nova decepção ficou-nos aderente ao espirito como incuravel equimose.

Afinal, em 1930, uma rajada de civismo despertou a mocidade paranaense de sua inercia, sacudindo o marasmo que lhe passava sobre os hombros.

E por um momento supuzemos ter encontrado uma solução para a nossa melancolia. Por um momento pareceu-nos luciluzir, entre as brumas da revolução, um facho promissor a nos apontar uma campanha pela qual pudessemos sacrificar uma parcela de nosso entusiasmo.

A rajada civica passou. Os arroubos do patriotismo arrefeceram, cessada a causa determinante.

Mas permaneceu em nós, como resultante logica da viração da morte, que nos silvou aos ouvidos a mais funebre das melopéas, o sentimento de que precisavamos viver, a percepção de que era preciso recobrar a energia.

E cremos, no intimo, que a regeneração politica viesse melhorar o ambiente, e por via de consequencias, dar occasião ao emprego de nossas forças ainda inproveitadas.

Ainda desta vez tivemos de padecer novo desencanto. A obra revolucionaria não correspondia ao que dela esperavamos. Uma ou outra ideia animadora, via-se logo, no momento da realização, confundida e adulterada.

A salvação do Brasil, e de nós mesmos, pelo caminho politico-social, declarava-se nula.

E para destruir esta crença, nem foi suficiente a epopéa de Piratininga, que nossos olhos contemplaram maravilhados, como o momento mais rutilante da Nação.

Apesar de partidarios fervorosos, na imensa maioria, da causa constitucionalista, alimentavamos no intimo a certeza de que a vitoria paulista, lançando inegavelmente o Paiz para novos e melhores rumos, não viria resolver o nosso caso pessoal.

Não viria preencher a enorme lacuna de que tanto se queixava o nosso espirito.

Não viria aproveitar a seiva que ansiavamos por ver frutecer.

Mesmo que esta não fosse destinada a escoar-se atravez das gerações, espraiando-se no dorso dos seculos, para o testemunho mais eloquente do quanto podem os esforços bem norteados.

Mesmo que fossem microscópicas as ondulações provocadas pelo derramamento de todas as nossas energias.

O que nós queremos, e queremos ainda, e havemos de querer sempre até que sejamos satisfeitos, é desingorgitar a nossa alma pletoorada de possibilidades.

E nisto não somos originaes. Antes do perfeito construtivismo moral, a geração que nos precedeu, ao sofrer as primeiras e natuaris agitações, esteve sujeita a fenomenos semelhantes.

Os seus vinte anos se ressentiram das mesmas indecisões, dos mesmos pruridos, de identicas desilusões.

Se não, por que as paginas do inesquecivel Jackson de Figueiredo, provando que a geração que agora atinge á maturidade é constituída de espiritos outrora inquietos, de almas outrora ansiosas de se reconhecerem a si mesmas, e insatisfeitas até a compreensão do seu *destino cristão*, como ele mesmo dizia?

Por que as de Tristão de Athayde, afirmando que a sua geração vivia *intoxicada de sibaritismo*, (1) que teve *uma mocidade sem mocidade*, (2) que os do seu tempo carregavam no peito *um coração de vencidos na vida, uma alma de desencantados e decadentes* (3).

Por que Candido Motta Filho dizendo: *Somos uma geração de sacrificados, que sente a dificuldade enorme para vencer ou protelar os problemas plantados pela vida?* (4).

Por que os escritos de Graça Aranha, que exclamava certa vez: *Nascem velhos os moços de hoje?*

Pois bem. Se os que receberam na adolescencia conhecimentos mais solidos e assentes em melhores bases, tiveram tais obstaculos, que diremos então nós, os que beiramos agora a casa dos vinte?

Que diremos então nós, nós sim, a verdadeira geração sacrificada, nós sim, contaminados em cheio pela dispersão e pelo habito do *pouco mais ou menos*, na expressão de Gilberto Amado, nós sim, que assistimos ao espectáculo da vida mais angustiados que ninguem?

Suponhamos que os alunos das escolas superiores do Paraná promovam uma auto-inquirição, alonguem um olhar perscrutador nos escaninhos da propria alma, e, sem atender á policromia dos prismas, pratiquem uma analyse das mais frias, das mais cruas e impiedosas.

Que verão?

Os academicos de engenharia procurando assimilar, a custo de ingentes esforços, e com a meticulosidade quasi fe-

(1) Ob. cit., 21

(2) » » 22

(3) » » 23

(4) O Tema de nossa geração, 12.

bril de alquimistas visionarios, todos os conhecimentos de sua bellissima carreira. Mas para que? Para, no futuro, prestarem o seu concurso á solução dos magnos problemas que entravam o progresso economico do Paiz, ou para dela colherem pingues rendimentos que lhes facultem confortavel situação material e, até, a escalada e a conquista da opulencia? E' o que restaria saber.

Os academicos de direito mergulhando a vista nos alentados volumes e grossos "in-folios" da sciencia juridica, e tentando iniciar-se no manejo desse complexo mecanismo da jurisprudencia, de cujo perfeito funcionamento depende em grande parte a marcha ascensional dos povos livres para a civilização autentica. Mas com que finalidade? Para, em pouco tempo, se candidatarem a lucrativas sinecuras da burocracia, submissos a qualquer pragmatismo utilitarista; ou cultivarem o jornalismo convencional, por mero diletantismo; ou se arrojamem ao profissionalismo politico, indiferentes aos ideais que visa a politica genuina? Por isso, talvez?

Os academicos de medicina, de bisturi na mão, curvados sobre cadaveres, e avidos de desvendarem as maravilhas do humano organismo, ou fixando na mente, em cansativa rotagem atravez dos meandros de extensos tratados, uma serie intermina de molestias de complicadas denominações, com os respectivos diagnosticos e competentes terapeuticas. Mas com que proposito? Mirando unicamente a uma clinica regular que lhes seja fonte de lucros, por onde possam atender ás despesas pessoas e, sobre o indispensavel, lhes forneça o copioso superfluo para o viver de sibarita, enferrujado pela rotina, e que se contenta com a simples leitura de certas revistas, ou com o passivo comparecimento a poucas reuniões de sociedades medicas? Para assim vegetar, talvez, nessa baixada quieta, mas insalubre?

Então, só isto póde, acaso constituir, a finalidade ultima da vida de um homem?

Claro que não. E apesar de Tristão de Athayde ter notado tão boas disposições nos moços de hoje, não logro perceber na mocidade paranaense razão alguma para que dela possa a Patria esperar eficaz concurso na obra mestra da reconstrução nacional.

Com a alma tão equimosada de desenganos, preferimos alimentar um ideal mesquinho, perfeitamente realizavel, resolvemos manter a ilusão dos mediocres, a unica que não traz no bojo os germens da desilusão.

E tudo isto porque a maioria de nossos moços não compreendeu ainda o seu *destino cristão*, na palavra já citada, mas sempre verdadeira.

Porque nos falta aquele outro elemento que realiza prodigiosamente o amalgame de todos os nossos esforços.

Falta-nos o espirito da ordem, que, como aconteceu a Ernesto Psichari (que serviria de modelo para nós), nos salve da inutilidade de nossa vida.

Falta-nos disciplina, metodo, harmonia, para que os conhecimentos, que cada qual adquira em qualquer ramo, sirvam de alavanca na ascensão espiritual.

Falta-nos equipolencia na distribuição de aptidões, e o senso do real que norteia a vontade e os sentimentos na conquista da unica Verdade eterna.

Emfim, para o preenchimento do vacuo doloroso que temos sentido até agora, urge nos submetamos á Igreja, pois (parodiando a Jackson de Figueiredo, que afirmava sempre não precisar a Igreja do Brasil, mas este daquela), não é a Igreja que reclama o apoio dos moços paranaenses. Mas a mocidade das altivas araucarias é que tem absoluta necessidade da Igreja. Esta conservar-se-á inabalavel no passar dos seculos, instituida, como o foi, pelo proprio Deus. E nós, entretanto, sentimos a pusilanimidade extrema de nosso valor, e somos um nada na transitoriedade de nossa existencia.

Precisamos olhar para a Cruz, que, radicada no solo profundo, projectando-se mais e mais para o alto, estendendo os braços do Amazonas ao Chui, como em imenso amplexo de amor á terra brasileira, nos acena a corrente unica na qual devemos desembocar os filetes de nossas realizações em qualquer campo.

Precisamos ascender e considerar o apice da montanha milagrosa não como um ponto inatingivel, mas como a recompensa de um mundo de esforços.

Precisamos atirar-nos á luta, e obedecer aos imperativos do gigante que vive no peito de todos os moços.

Precisamos não permanecer na memoria dos que já se definiram como figuras apagadas, longinquas, a se confundirem na massa incaracteristica das outras figuras.

Precisamos procurar todas as luzes e focaliza-las em nossa frente, porque a certeza do caminho de Roma não pode ser a incognita e a surpresa da estrada de Damasco.

Não sejamos como as bruxas de Plutarco, que, quando regressavam á casa, deixavam os olhos na porta.

Reconheçamos que a sociedade ambiente está cheia de inuteis e de parasitas.

Mas reconheçamos, tambem que se não desfraldarmos a bandeira da Fé, se não reagirmos contra os males da nossa formação, se não cerrarmos fileiras em torno de um mesmo ideal — o ideal cristão, estaremos condenados á mesma inercia, á mesma inutilidade de vida, nesta quadra de completa inversão de valores, em que a materia prima sobre o espirito, a força sobre o direito, vis ambições sobre ideais de nobreza; nesta quadra aflitiva em que, como observa Sobral Pinto, *tudo, no fato social brasileiro, é vaidade arrogante, des-*

BIBLIOGRAPHIA

O Exército e o Sertão — XAVIER DE OLIVEIRA—A. de Coelho Branco, F.º
Editor — 1932. ✓

O Sr. Xavier de Oliveira é um dos estudiosos dos problemas do sertão brasileiro. Já em outra ocasião escreveu *Beatos e Cangaceiros*, um dos mais seguros depoimentos da vida do interior nordestino. Agora, surge-nos com mais um livro dedicado ao “hinterland” nacional e á gente que lá vive. O A. defende com energia o estabelecimento de tropas do nosso exercito nas ciudades sertanejas, maxime nas em que mais de perto se faz sentir a influencia do cangaceirismo e do fanatismo. Acha que a chamada “força de linha” poderá despertar no nordestino os mais elevados sentimentos de amor á Patria e falo-á compenetrar-se dos seus deveres para com a sociedade e para com a civilização. Resalta, finalmente, o A. o grande beneficio que presta ao homem do sertão a religião catholica. “Que a espada, porém, siga o exemplo da Cruz. E, lá onde estiver um bispado catholico, erguido como uma fortaleza da Fé, e como um baluarte da Civilização, lá esteja um batalhão do Exercito, erguido como uma fortaleza do Brasil e como um baluarte da America”.

A Ilusão Russa—BAPTISTA PEREIRA — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1932.

O Sr. Baptista Pereira acaba de ingressar no novellismo, com a publicação do livro “A Ilusão Russa”.

Interessante é que, no prefacio, os editores attribuem o livro a Dimitri Garini, que existe “e é o ultimo representante de uma velha familia principesca”, e mais adeante, declaram que Dimitri Garini escreveu o livro em francês, tirado em lingua por um dos nossos melhores escriptores, um grande observador e um estilista de notavel clareza. Dahi a duvida sobre si a autoria de “A Ilusão Russa” pertence mesmo ao Sr. Baptista Pereira. A obra divide-se em duas partes: *A illusão russa* e *O de Olivius na Inglaterra*. A primeira parte

nos pinta a situação da republica, soviética, através de uma interessantíssima novella. A segunda é uma *charge* espirituosíssima á actual situação brasileira. O povo está dividido em três raças: os *negritos*, habitando o extremo norte, o sub-norte, a boa-terra, destacando-se dos negritos os cabeças-redondas; os *akkas*, repartidos em *plani-akkas* e *alti-akkas* e os *boschimanos*, da montanha, frios, parcimoniosos, dissimulados e calculadores. “Os *plani-akkas*, no governo, resolviam a força de *sophismas* todos os problemas. Em vez de se entenderem francamente com os outros, e, reconciliados, procurarem o bem *commum*, os que estavam de cima davam aos que estavam de baixo um tratamento de Caim”. Essas passagens nos dão a certeza de que o livro é mesmo do Sr. Baptista Pereira, mas não podemos explicar o motivo da entrada, no prefacio dos editores, do nome de Dimitri Garini.

A Biblia — Edição popular, em fascículos — Livraria Catholica.

A Livraria Catholica iniciou a edição da Biblia em fascículos, afim de facilitar a leitura e a aquisição dos Livros Sagrados pelo nosso povo. A tarefa é das mais dignas de applausos, tanto mais quanto todos os fascículos são previamente censurados e approvados pela Autoridade Ecclesiastica.

Oropa, França e Bahia — JAYME ADOUR DA CAMARA — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1932.

O versinho da canção popular deu o título ao livro do Sr. Jayme Adour da Camara. O A. é jornalista, e por isso o seu livro é mais uma collectanea de reportagens e entrevistas do que narrativa de viagens, como tão bem as sabem contar os franceses.

O A., fascinado pelos encantos boreaes da Finlândia e da Suecia, ali vagou algum tempo, e ao, mesmo tempo em que nos dá suas impressões, faz historia e geographia. O estylo é um pouco pesado e não tem o dom de transmittir ao leitor o colorido das paisagens que empolgaram o narrador. Parece que o ambiente frio e soturno do septemtrião invadiu a penna do jornalista, que, apesar de deseja-lo, não pôde ser brilhante nem correntia.

Além disso, força é confessar que o A. tambem só quiz ver o que lhe podia fazer bem aos nervos. Assim chega ao ponto de negar a existencia de crianças abandonadas na Russia, quando isso é attestado pela propria viuva de Lenine, e, mais recentemente, em conferencias publicas nesta capital, por Luc Durtain, que, apesar de simpatico aos Sovietes,

não teve a coragem de encobrir uma coisa que é tão real quanto o Sol.

Só esse capítulo dedicado ás coisas que não viu na Russia (porque não quiz ver), enfraquece de muito o depoimento do A. sobre o restante das suas viagens, pois mostra nitidamente que não se forrou elle da necessaria imparcialidade para ver e contar.

Directrizes de Ruy Barbosa — Prefacio de BAPTISTA PEREIRA — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1932.

O Sr. Baptista Pereira não se cança de tornar conhecido Ruy Barbosa. Agora nos dá elle uma especie de sinthese da obra do grande brasileiro, um corpo doutrinario das suas ideas.

Nas "directrizes" vindas a lume, não se contenta apenas o sr. Baptista Pereira em transcrever trechos primorosos do estilo e da magnificencia oratoria de Ruy Barbosa. Acompanha cada excerpto de uma nota explicativa, para o que, aliás, tem bastante autoridade, não só pelo convivio pessoal que teve com Ruy como tambem pelo grande amor que dedica á sua obra e á sua memoria.

Os catholicos e a Futura Constituição — Segunda Carta Pastoral de D. JOÃO BECKER, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre.

Dom João Becker, illustre Metropolita portoalegrense, que se ha imposto ao mundo culto brasileiro pelas suas virtudes, e pela sua valiosa actividade literaria, acaba de endereçar á sua Archi-Diocese mais uma Carta Pastoral, que muito se impõe não só pelo assumpto versado como pela oportunidade do seu apparecimento.

Nesse documento, vasado em impeccavel forma literaria, apanagio, aliás, de todos os escriptos de Dom Becker, aprecia o seu autor a situação actual do Brasil, estudando, demorada e percucientemente, os varios problemas que dizem respeito á nacionalidade e elucidando com brilhantismo a consciencia catholica a proposito das suas obrigações em face do movimento constitucionalista.

Tão opportunos e autorizados são os conceitos e as lições que se encontram na ultima Pastoral de Dom Becker que perdeu a mesma o character de simples documento diocesano para se transformar num verdadeiro catecismo de acção eleitoral catholica, digno de lido, meditado e seguido pelo Brasil em peso.

Recommendamos a sua leitura a todos os que se batem por um Brasil melhor, um Brasil que seja a demonstração inequivoca da paz de Christo no Reino de Christo.

L. S.

N.º 34, Dezembro, 1932